

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

BRUNA SILVA DOS SANTOS

**“OS MESMOS DESFAVORECIDO”: A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA
NOMINAL DE NÚMERO EM PORTO ALEGRE/RS**

Porto Alegre

2022

BRUNA SILVA DOS SANTOS

**“OS MESMOS DESFAVORECIDO”: A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA
NOMINAL DE NÚMERO EM PORTO ALEGRE/RS**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a conclusão do
curso de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

Porto Alegre

2022

BRUNA SILVA DOS SANTOS

**“OS MESMOS DESFAVORECIDO”: A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA
NOMINAL DE NÚMERO EM PORTO ALEGRE/RS**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a conclusão do
curso de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

Aprovada em: 6 de outubro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Andréa Burgos de Azevedo Mangabeira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Elisa Battisti
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora

CIP - Catalogação na Publicação

dos Santos, Bruna Silva
"Os mesmos desfavorecido": A variação na
concordância nominal de número em Porto Alegre / Bruna
Silva dos Santos. -- 2022.
75 f.
Orientadora: Elisa Battisti.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e
Literaturas de Língua Inglesa, Porto Alegre, BR-RS,
2022.

1. Concordância Nominal de Número. 2. Variação
Linguística. 3. Práticas Sociais. 4. LínguaPOA. I.
Battisti, Elisa, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Os meus mais especiais agradecimentos aos meus pais, Beatriz e Rogério, que, entre altos e baixos e com todas as dificuldades de uma família de classe trabalhadora, sempre se preocuparam com a minha educação, movendo montanhas para que ela nunca fosse prejudicada. Com vocês, aprendi a ter coragem para enfrentar os meus obstáculos e redefinir os meus limites. Aos meus irmãos, Rogério, Rafael e Ricardo, que, apesar de serem mais novos, sempre, quando necessário e preciso, vestiram a roupagem de irmãos mais velhos e me ajudaram a enxergar outras formas de viver. Com vocês, tive as minhas mais sinceras gargalhadas e, nesses momentos, aprendi e reaprendi a beleza de uma péssima piada e a leveza da vida.

Ao Ismael, que vem dividindo a vida comigo nesses últimos anos, meu mais carinhoso agradecimento. Sei que a vida de adulto é difícil e que, às vezes, temos vontade de voltar para as asas de nossos pais, mas muito obrigada por aguentar essa vida comigo. Obrigada por ser sensível nos momentos em que mais precisei, por ser meu mais íntimo e oficial revisor de texto, por ter me ensinado o valor que uma parceria tem. Não consigo expressar o efeito que a tua presença causa em mim.

Ao Empada, meu grande gato. Apesar de todos os esforços em impedir que eu realizasse as minhas tarefas, tirar cochilos contigo durante momentos de muito cansaço fez com que esses períodos fossem mais tranquilos.

À professora e orientadora Elisa Battisti, por me receber de braços abertos como bolsista de Iniciação Científica e por toda a orientação e todo o apoio ao longo desses anos que trabalhamos juntas. Obrigada pela paciência e pela delicadeza nas conversas e nas trocas que tivemos. Foi um privilégio pesquisar e aprender ao teu lado.

Ao CNPq, por ter financiado o projeto de pesquisa que permitiu a existência do LínguaPOA e, conseqüentemente, a deste trabalho, e os meus estudos como bolsista de Iniciação Científica. À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por continuar a me mostrar que o ensino público brasileiro de qualidade não deve ser nenhum privilégio, e, sim, um direito pelo qual sempre lutarei.

Aos meus companheiros de pesquisa, por se fazerem presentes e dispostos a ajudar sempre que preciso. O trabalho que fazemos é coletivo, e ter tido essa experiência com vocês foi um prazer. Aos meus colegas de curso, que, ao me mostrarem novas realidades, me apoiaram e se mantiveram presentes em todo esse percurso (muitas vezes caótico) que é a graduação. Aos

professores universitários, por todas as experiências dentro e fora da sala de aula. O conhecimento partilhado por vocês vive nas minhas práticas de sala de aula e de pesquisa.

Aos porto-alegrenses que abriram suas portas e suas vidas para receber a equipe do LínguaPOA; sem vocês, este trabalho não teria se realizado. E, mais amplamente, ao trabalhador brasileiro, que, com os seus impostos, me permite, desde os primórdios, traçar meu caminho na educação pública.

Por fim, meus mais afetuosos agradecimentos aos meus alunos. Foi com vocês que aprendi a ser professora, que tive que redefinir minhas concepções de mundo, que tive que reconceituar o termo Educação. É com vocês que passo a maior parte do tempo, e, apesar de às vezes me deixarem exausta, cada abraço, cada elogio, cada presente e cada demonstração de afeto me mostra que ainda vale a pena lutar por um ensino de qualidade, público e crítico. Vocês estarão sempre presentes no meu coração, na minha história e na minha pele.

RESUMO

O presente trabalho investiga o processo variável da concordância nominal de número dentro do sintagma nominal (CN) no português falado em Porto Alegre/RS (*outros clubes>outros clube, os estágios obrigatórios>os estágio obrigatório*). Esta pesquisa, alicerçada no modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1994; 2001a; 2008 [1972]; 2010), ocupa-se de uma investigação de produção linguística em tempo aparente da CN, a partir da análise quantitativa de regra variável (LABOV, 2008 [1972]), complementada com uma análise qualitativa preliminar das práticas sociais (BOURDIEU, 1996; 2007) dos informantes que mais realizam a CN, em contraste com os que menos realizam. A revisão bibliográfica de estudos variacionistas sobre a variável (GUY, 1981; SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; OUSHIRO, 2015; MANGABEIRA, 2016; LUCCHESI e DÁLIA, 2022; entre outros) aponta a variação na concordância nominal de número como estável no português brasileiro, apresentando sistematicidade linguística e social. A análise quantitativa contou com 32 entrevistas sociolinguísticas do acervo LínguaPOA (2015-2019) e foi realizada no programa R (R CORE TEAM, 2019), interface RStudio, em duas etapas: primeiro, realizaram-se os testes de *qui-quadrado* (de Pearson), e, depois, executaram-se os *modelos de regressão logística de efeitos mistos*, na função *glmer*, considerando as variáveis aleatórias Informante e Sintagma. A análise estatística considerou duas perspectivas de análise complementares (SCHERRE, 1988): a perspectiva *mórfica*, com o intuito de observar cada elemento do sintagma separadamente; e a *sintagmática*, visando ao estudo do sintagma como um todo. Para a primeira perspectiva de análise, foram consideradas seis variáveis linguísticas; para a segunda, quatro variáveis; e, para ambas, foram controladas quatro variáveis sociais. Os resultados estatísticos mostram que a concordância nominal de número é condicionada linguística e socialmente. Em termos sociais, correlaciona-se com Gênero, Escolaridade, Renda e Zona. Na perspectiva mórfica, a CN correlaciona-se com Processos Morfofonológicos de formação de plural, Tonicidade do item lexical, Saliência Fônica, Posição Linear dentro do sintagma, Posição Relativa do elemento ao núcleo e Classe Gramatical; na perspectiva sintagmática, com Saliência Fônica do Sintagma Nominal. A análise qualitativa preliminar adotou os procedimentos da Análise de Conteúdo (FRANCO, 2005; BARDIN, 2011) para examinar os relatos de oito informantes do LínguaPOA sobre suas práticas sociais cotidianas. Os resultados sugerem que, além de Escolaridade e Renda, o local de moradia e o grau de mobilidade dos informantes interferem nas práticas sociais que, por fim, influenciam no uso da concordância nominal padrão.

Palavras-chave: Concordância Nominal de Número; Variação Linguística; Práticas Sociais; LínguaPOA.

ABSTRACT

The present work investigates the variation of nominal agreement within the nominal phrase (NP) in Porto Alegre/RS Portuguese (*other clubs*>*other club* [*outros clubes*>*outros clube*], *the mandatory internships*>*the mandatory internship* [*os estágios obrigatórios*>*os estágio obrigatório*]). This research, founded on the theoretical-methodological model of the Theory of Linguistic Variation (LABOV, 1994; 2001a; 2008 [1972]; 2010), is concerned with an apparent time investigation of the NP, based on the quantitative analysis of variable rule (LABOV, 2008 [1972]), complemented by a preliminary qualitative analysis of social practices (BOURDIEU, 1996; 2007) of the informants who most perform the NP in contrast to who performs the least. The bibliographic review of variationist studies (GUY, 1981; Scherre, 1988; FERNANDES, 1996; OUSHIRO, 2015; Mangabeira, 2016; Lucchesi and Dália, 2022; among others) points to the variation in nominal agreement as stable in Brazilian Portuguese, presenting linguistic and social systematicity. The quantitative analysis featured 32 sociolinguistic interviews of the LínguaPOA collection (2015-2019) and took place in the R (R CORE TEAM, 2019) program, RStudio interface, in two stages: first, the chi-square tests (of Pearson) and, then, the models of logistics regression of mixed effects were performed in the glmer function, considering Informant and Noun Phrase as random variables. Statistical analysis is considered in two perspectives of complementary analysis (Scherre, 1988): the morphic perspective, to observe each element of the phrase separately; and the syntagmatic, aiming at the study of the noun phrase as a whole. For the first perspective of analysis, six linguistic variables were considered; for the second, four variables; and for both, four social variables were controlled. Statistical results show that nominal agreement is linguistic and socially conditioned. In social terms, it correlates with Gender, Education, Income, and Zone. From the morphic perspective, NP correlates with Morphophonological Processes of plural formation, Tonicity of the singular lexical item, Phonic Saliency, Linear Position within the phrase, Relative Position of the element to the nucleus, and Grammatical Class; in the syntagmatic perspective, with Phonic Saliency of the nominal phrase. The preliminary qualitative analysis adopted the procedures of Content Analysis (FRANCO, 2005; BARDIN, 2011) to examine the reports of eight informants about their daily social practices. The results suggest that, in addition to education and income, the place of residence and the degree of mobility of the informants interfere with social practices, eventually influencing the use of the standard nominal agreement.

Keywords: Nominal Agreement; Linguistic Variation; Social Practice; LínguaPOA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Zonas de Porto Alegre de acordo com a EPTC...28	Gráfico 1 – Proporções de uso da variável Configuração Sintagmática.....	52
Gráfico 2 – Proporções de uso da variável Animacidade.....		53
Mapa 2 – Distribuição geográfica dos informantes.....		58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos 32 informantes da amostra	29
Quadro 2 – Variáveis linguísticas para a análise mórfica	31
Quadro 3 – Variáveis linguísticas para a análise sintagmática.....	33
Quadro 4 – Variáveis sociais	35
Quadro 5 – Informações sociais dos informantes.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos 32 informantes da amostra	29
Tabela 2 – Modelo de regressão de efeitos mistos da CN plena, perspectiva mórfica	41
Tabela 3 – Modelo de regressão de efeitos mistos de CN plena, perspectiva mórfica	43
Tabela 4 – Modelo de regressão de efeitos mistos da CN plena, perspectiva mórfica	45
Tabela 5 – Modelo de regressão de efeitos mistos da CN plena, perspectiva mórfica	47
Tabela 6 – Modelo de regressão de efeitos mistos da CN plena, perspectiva sintagmática.....	54
Tabela 7 – Distribuição social dos informantes.....	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	16
2.2 A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO....	18
2.2.1 Estudos pioneiros	19
2.2.2 A tese de doutoramento de Marta Scherre	21
2.2.3 Trabalhos subsequentes	22
2.3 BREVES CONSIDERAÇÕES.....	25
3 METODOLOGIA	27
3.1 O LÍNGUAPOA	27
3.2 A ANÁLISE QUANTITATIVA	29
3.2.1 Os informantes	29
3.2.2 As variáveis	30
3.2.2.1 <i>A variável resposta</i>	30
3.2.2.2 <i>As variáveis preditoras</i>	30
3.2.2.2.1 <i>Análise mórfica: variáveis linguísticas</i>	30
3.2.2.2.2 <i>Análise sintagmática: variáveis linguísticas</i>	33
3.2.2.2.3 <i>Variáveis sociais</i>	34
3.2.3 O percurso metodológico	36
3.3 METODOLOGIA QUALITATIVA	37
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: ANÁLISE QUANTITATIVA	39
4.1 ANÁLISE MÓRFICA.....	39
4.2 ANÁLISE SINTAGMÁTICA.....	51
4.3 SÍNTESE	55
5 RESULTADO E DISCUSSÃO: ANÁLISE QUALITATIVA	57
5.1 OS INFORMANTES.....	57
5.1.1 Os informantes 09 e 62	59
5.1.1.1 <i>Inf09: “Bares menores procurando fazer... uma coisa mais pessoal”</i>	59
5.1.1.2 <i>Inf62: “É mais cansativo pra eu sair”</i>	60
5.1.2 Os informantes 45 e 26	61
5.1.2.1 <i>Inf45: “Eu sou muito caseiro”</i>	62
5.1.2.2 <i>Inf26: “Eu gosto muito de barzinho”</i>	63

5.2 AS PRÁTICAS SOCIAIS E OS ESTILOS DE VIDA	64
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

Este estudo é muito mais do que um Trabalho de Conclusão de Curso; é, na verdade, a concretização de um longo percurso. Com ele, aprendi a pesquisar e a apreciar todo o processo envolvido. Com ele, aprendi que a língua não é apenas um instrumento comunicativo. A língua, com toda a sua pluralidade e complexidade, é mobilizada pelos sujeitos para se inserirem no mundo, para se identificarem, para lutarem pelos seus espaços em um mundo amplamente hierarquizado, para reproduzirem suas ideologias. É com esse entendimento que oriento esta monografia.

A investigação apresentada ao longo deste trabalho iniciou-se em 2019, no programa de Iniciação Científica com a equipe LínguaPOA, sob a orientação da Profa. Dra. Elisa Battisti, e teve como ponto de partida o trabalho de produção linguística em tempo aparente. Nessa etapa, realizei as primeiras leituras sobre a Sociolinguística Variacionista e sobre a variação na concordância nominal de número no português brasileiro. A partir dessas leituras, organizei as primeiras variáveis preditoras do estudo e executei as primeiras análises estatísticas, fazendo uso dos modelos de regressão logística (*glm*) e dos modelos de efeitos mistos (*glmer*). Nesse primeiro contato com a pesquisa, inseri o trabalho na linha de pesquisa da Sociolinguística Laboviana e aprendi a lidar com o lado estatístico dos estudos. No ano seguinte, voltei-me à pesquisa em tempo real, buscando verificar a estabilidade da variável investigada. Nessa nova fase, tive a oportunidade de conhecer outro banco de entrevistas sociolinguísticas, o VARSUL (1989-2006, cf. BISOL, 2000), assim como de progredir em relação às variáveis linguísticas do estudo. Por fim, no terceiro ano, pude dar um passo adiante na pesquisa e iniciei a análise qualitativa, procurando compreender como a concordância nominal de número se insere social e ideologicamente no cotidiano das pessoas.

Este trabalho, portanto, está vinculado a essa trajetória. Assim, parto da noção de língua como um objeto constituído de *heterogeneidade ordenada*, *i.e.*, inerentemente sistemática e inerentemente variável, e compreendo que ela deve ser observada direta e objetivamente. Para tanto, insiro o trabalho na área da Sociolinguística Variacionista e conto com as bases, os princípios e os fundamentos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1994, 2001a, 2008 [1972], 2010; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), a qual norteia a metodologia de análise e de interpretação dos resultados quantitativos e qualitativos.

À vista disso, apresentarei e discutirei, ao longo deste trabalho, os resultados quantitativos e qualitativos da investigação desenvolvida acerca do uso variável da concordância nominal de número (CN) na fala de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande

do Sul. Assim, o estudo se organiza por dois objetivos: colaborar para o mapeamento da variável em território brasileiro, a partir da análise de produção na linha variacionista quantitativa laboviana (LABOV, 1994, 2001a, 2008 [1972], 2010); e dar os primeiros passos rumo à compreensão dos significados sociais indexados nos usos da CN plena (*as casas*) e da CN parcial (*as gurias*).

Para o primeiro objetivo, segui a proposta de Scherre (1988) e realizei a análise da variável a partir de duas perspectivas: mórfica, voltada aos elementos individuais dentro do sintagma nominal; e sintagmática, direcionada ao sintagma como um todo¹. A novidade deste estudo se encontra nos modelos de análise. O tratamento estatístico dos dados se deu a partir da análise de regra variável no programa R (R CORE TEAM, 2019), interface RStudio, em duas etapas: a realização dos testes de *qui-quadrado* (de Pearson) e a execução dos *modelos de regressão logística de efeitos mistos* (*glmer*), que permite a inclusão de variáveis aleatórias, visando a minimizar os efeitos estatísticos de contextos linguísticos repetitivos e de características específicas dos informantes. Para o segundo objetivo, mobilizei a teoria social de Pierre Bourdieu (1996, 2007) e parti da noção de língua como prática social (ECKERT, 2000, 2005, 2008), para identificar e interpretar, nas entrevistas sociolinguísticas, os significados sociais por trás dos usos da concordância nominal de número. Para tanto, fiz uso da ferramenta analítica da Análise de Conteúdo (FRANCO, 2005; BARDIN, 2011). Isso, porque a CN parcial apresenta um significado social relacionado ao estigma social², indexando pouca escolaridade e baixa renda, e a CN plena se relaciona com as concepções de língua padrão e legítima.

Sendo assim, o trabalho se organiza em seis capítulos, iniciando com esta introdução. Na sequência, discuto o modelo teórico variacionista e reviso estudos labovianos acerca da CN. No terceiro capítulo, apresento o acervo LínguaPOA e os procedimentos metodológicos da análise quantitativa, nas perspectivas mórfica e sintagmática, e qualitativa. No quarto e no quinto capítulos, exponho e discuto os resultados estatísticos e qualitativos, respectivamente.

¹ Na sua tese de doutoramento, Scherre (1988) nomeia a perspectiva mórfica de *atomística* e a sintagmática de *não atomística*. Porém, neste trabalho, adotei a proposta de nomenclatura de Lucchesi e Dália (2022), por considerá-la mais explicativa; assim, faço uso dos termos *mórfico* e *sintagmático*.

² A concepção de variante estigmatizada vem de Labov (2008 [1972], p. 212): “Sob extrema estigmatização, uma forma se torna assunto de comentário social explícito e pode acabar por desaparecer. Trata-se então de um *estereótipo* que pode ficar cada vez mais divorciado das formas que são realmente usadas na fala”. Porém, no sistema do PB, diferentemente do que prevê Labov, a CN parcial não desapareceu e dá mostras de estabilidade, ensejando discussões como aquelas relacionadas ao caso, de 2011, do livro didático *Para uma vida melhor*, que apresentou uma seção sobre variação linguística e abordou a questão das concordâncias nominal e verbal. Na época, o contexto “*os livros*” foi alvo de muitos comentários puristas acerca da língua correta, certa, legítima. Para mais informações sobre o assunto, recomendo a leitura de Cavalcanti (2013) e Lucchesi (2011).

Por fim, no sexto e último capítulo, teço as considerações finais a respeito da investigação e dos caminhos a serem traçados em etapas futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho toma como base a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1994, 2001a, 2008 [1972], 2010) e investiga a variação na concordância nominal de número (CN) em Porto Alegre/RS. À vista disso, abordo, neste capítulo, a teoria variacionista laboviana e apresento uma revisão bibliográfica das pesquisas realizadas no Brasil a respeito da variável.

2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Em 1966, os pesquisadores Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog apresentaram uma fala no Simpósio Direções para a Linguística Histórica, na Universidade do Texas. O objetivo era estruturar uma crítica aos estudos linguísticos estruturais da época, que observavam sincronicamente a língua apenas a partir de dados do idioleto, visto como invariável e heterogêneo. Os pesquisadores ensaiaram algumas ideias, com o anseio de desenvolver uma teoria que encontrasse ordem na aparente heterogeneidade da língua. Dessa forma, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 34) sugerem “um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos”. Logo, os autores recomendaram o estudo da língua como um objeto constituído de *heterogeneidade ordenada*, que deve ser observada em uma comunidade complexa (*i.e.*, real). Os autores argumentaram ainda que a variação e a mudança das formas linguísticas são processos resultantes de pressões internas (linguísticas-estruturais) e externas (sociais e estilísticas) e que, portanto, um estudo linguístico deve considerar a heterogeneidade e a variabilidade da língua, observar o uso dela em uma comunidade real e relacionar, nas análises, os fatores sociais e linguísticos.

Para isso, os pesquisadores propuseram fundamentos empíricos para estudar variação e mudança linguística, apresentados como respostas a cinco problemas de investigação. O problema dos fatores condicionantes [*constraints problem*] diz respeito aos aspectos linguísticos e sociais que condicionam ou inibem o processo de variação. O problema da transição [*transition problem*] remete à transmissão geracional da língua, que envolve o controle da faixa etária dos falantes de uma comunidade. A questão do encaixamento [*embedding problem*] parte da ideia de que todas as mudanças linguísticas estão conectadas a um sistema linguístico e social, cabendo investigar como as variáveis se encaixam nesses sistemas. O problema da avaliação [*evaluation problem*] refere-se a opiniões subjetivas acerca das variantes de uma variável, o que implica algum nível de consciência social, uma vez que essas avaliações colaboram para o desenvolvimento ou o desaparecimento de certas formas

linguísticas. Por fim, com o problema da implementação [*actuation problem*], propõe-se a responder o porquê de certas mudanças linguísticas ocorrerem na época X e na comunidade Y, e não em outro momento ou em outra comunidade.

Em sua famosa obra *Padrões Sociolinguísticos* (LABOV, 2008 [1972]), William Labov retoma a discussão e reafirma o problema de estudos gerativistas e estruturalistas que investigam a língua deslocada do social. Na visão do linguista, o objeto de estudo da (Socio)Linguística deve ser “a língua tal como [é] usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos” (LABOV, 2008 [1972], p. 13).

Nesse sentido, Labov é contrário à exclusão do social da teoria linguística e ao foco na comunidade linguística homogênea. Desse modo, o linguista vai em direção à elaboração de sua própria teoria, a qual se ocupa da observação da variação e da mudança linguística na estrutura linguístico-social. Como resultado, surge a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1994; 2001a; 2008 [1972]; 2010), um conjunto de fundamentos que admitem a língua como um fato social e de procedimentos metodológicos para investigá-la enquanto tal. O objetivo é amparar um estudo que correlacione os componentes estrutural-linguístico, social e estilístico no processo de variação. Os seus estudos na ilha Martha’s Vineyard, em 1966, e nas lojas de departamentos na cidade de Nova York, em 1968, dois dos mais notáveis do autor, colaboraram para fornecer as bases da teoria laboviana.

A investigação na comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, em Massachusetts, verificou que a pronúncia de /ay/ era um recurso indexical de viés ideológico dentro da ilha. Labov investigou como a ditongação centralizada indicava o dialeto local e as tendências favoráveis à vida na ilha, enquanto a pronúncia mais baixa indexava uma relação com o continente e com uma vida fora da ilha. Já o estudo sobre a produção do /r/ pelos vendedores de lojas de departamento em Nova York mobilizou categorias macrossociais como Gênero, Classe Socioeconômica e Escolaridade, assim como principiou o debate acerca dos estilos contextuais. Verificou-se que os vendedores de lojas de classe alta produzem mais o /r/, bem como o contexto mais monitorado.

Para pesquisar a fala em uma comunidade complexa, é necessário que o pesquisador vá a essa comunidade. Assim, surge, já com Weirench, Labov e Herzog (2006 [1968]), a noção de *comunidade de fala*. Labov (2008 [1972], p. 188) aponta que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Desse

modo, a comunidade de fala se define a partir dos padrões de uso e do compartilhamento de normas, expressos nas avaliações explícitas e na sistematicidade dos padrões de variação.

Portanto, a Teoria da Variação e Mudança Linguística surge como uma reação à ausência do componente social nas pesquisas estruturalistas. Encontra-se nela, também, a preocupação com a alternância sistemática das formas linguísticas, correlacionada com fatores internos e externos observados a partir de dados empíricos. Esse modelo de análise pode ser entendido ainda como uma sociolinguística quantitativa, devido à sua metodologia, que se dá a partir de tratamentos estatísticos dos dados. Por fim, a pesquisa sociolinguística parte da correlação dos fatores linguísticos e extralinguísticos para compreender o funcionamento da língua na fala vernacular e mobiliza análises quantitativas para sustentar sua discussão.

2.2 A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Estruturalmente, o português apresenta um mecanismo que possibilita a um vocábulo modificar-se pela relação lógico-gramatical com os demais constituintes do sintagma: a flexão. Ela se dá por meio de acréscimos de sufixos flexionais no fim das palavras de forma sistemática e coerente (CAMARA JR., 2015) e serve ao processo de concordância, que pode implicar a repetição dos morfemas (ou alomorfes) flexionais ao longo dos sintagmas. Além disso, a concordância também é caracterizada como um “princípio segundo o qual certos termos (dependentes, determinantes) se adaptam, na forma, às categorias gramaticais de outros (principais, determinados)” (LUFT, 2002, p. 42). Assim, entende-se que a concordância é estruturalmente obrigatória e que está ligada à natureza gramatical da unidade sintagmática, que exige a marcação redundante da flexão nos elementos flexionáveis.

Neste trabalho, o objetivo é investigar o uso variável da concordância nominal de número. A variação na CN é um fenômeno presente no português brasileiro (PB) há muitas décadas (quicé séculos) e apresenta duas variantes: a plena e a parcial³. Em (1) é apresentado um excerto de uma entrevista do LínguaPOA (2015-2016), no qual é possível observar a variação na CN entre marcação plena (em negrito) e parcial (sublinhado).

- (1) É eu ã eu trabalhei tipo faz uns cinco seis meses mais ou menos que eu saí da [nome da empresa] né trabalhei **quinze anos** na [nome da empresa] de distribuição de

³ Em estudos sociolinguísticos (SCHERRE, 1988; OUSHIRO, 2015) é costumeiro classificar a marcação de plural como explícita e a não marcação como zero. Porém, optei por usar a classificação plena/parcial. A classificação plena indica a marcação redundante de plural ao longo do SN, e a parcial caracteriza a marcação zero de concordância em pelo menos um elemento do SN.

jornal né e aí tipo não deu pra conciliar tipo esses quinze anoØ que eu trabalhei na [nome da empresa] eh não rendeu aqui pra ONG assim né porque tipo trabalhava de noite tinha que fazer reuniões **essas coisas** durante o dia né e agora com os filhoØ tudo criadoØ aí eu pensei agora vou me dedicar mesmo à ONG aqui me dedicar ao trabalho voluntário né e tamo aí na luta né fazendo esses trabalhoØ comunitárioØ e **nos fins de semana** a gente faz festa de aniversário casamento é assim que a gente vai tirando os pilaØ pra sobreviver (LÍNGUAPOA, 2015-2019, Inf97, grifos meus)⁴.

A variação na concordância nominal de número no português brasileiro, além de antiga, também é muito complexa e tem sido muito investigada. Conforme Scherre (1994), desde os anos 1920, a CN é investigada por estudos dialetológicos (AMARAL, 1920; MELO, 1946; NASCENTES, 1953; entre outros). Já os estudos sistemáticos acerca da variação na CN, a partir da Teoria da Variação Linguística, surgiram na segunda metade do século XX, com o estudo de Braga e Scherre (1976). Andrea Mangabeira (2016) apresenta uma divisão das investigações variacionistas em três momentos: os estudos pioneiros, a tese de doutoramento de Marta Scherre e os estudos posteriores a ela; subdivisão que adotei nesta monografia.

2.2.1 Estudos pioneiros⁵

De forma geral, os estudos labovianos pioneiros se apresentam em quatro espaços geográficos: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pará. O estudo de Braga e Scherre (1976) fez uso de sete informantes da capital do Rio de Janeiro, divididos em três classes sociais — alta, média e baixa. Nesse estudo, verificou-se que falantes de classes mais baixas marcam menos o plural e que, em situações mais formais, as classes mais baixas aumentam o uso do plural pleno, enquanto a classe alta não apresenta variação. As pesquisadoras constataram também que o primeiro elemento do sintagma apresenta um comportamento diferente do restante dos elementos, apresentando marcação categórica de plural, e que as formas de maior Saliência Fônica favorecem o plural.

Braga (1977) vai ao Triângulo Mineiro investigar a CN a partir de sete informantes, divididos em classe baixa e média. Os resultados indicam que a classe média aplica mais o plural em contextos com maior grau de formalidade/formalismo, enquanto a classe baixa não

⁴ O fragmento diz respeito a uma entrevista com um homem de ensino básico e de renda baixa, morador do bairro Mario Quintana, localizado na Zona Leste da cidade de Porto Alegre e considerado um dos mais pobres da cidade (cf. ObservaPOA. Disponível em: <http://www.observapoa.com.br/default.php>. Acesso em: 9 set. 2022).

⁵ Os estudos pioneiros são de difícil acesso; portanto, a breve revisão que farei aqui toma como base a discussão majoritariamente apresentada em Scherre (1988), Fernandes (1996) e Mangabeira (2016).

apresenta um padrão regular, o que levanta questões acerca do efeito da classe média no processo de variação e mudança linguística (LABOV, 2008 [1972]). Quanto à saliência e à posição dos elementos, Braga se depara com resultados similares aos encontrados em seu estudo anterior.

Marta Scherre (1978) retoma a investigação da variável na cidade carioca e, dessa vez, apresenta uma amostra mais estratificada: dez informantes, divididos em Classe, Escolaridade e Gênero. As variáveis linguísticas foram as mesmas que as verificadas anteriormente, com resultados também similares⁶. A novidade aqui foram as variáveis sociais, pois se deu início à discussão sobre o efeito da Escolaridade e do Gênero na variação da CN: mulheres aplicam mais o plural pleno, e a marcação de plural é proporcional ao nível de escolaridade — quanto maior a escolaridade, mais frequente é a marcação redundante de plural.

Em seguida, a CN passa a ser investigada na capital gaúcha, Porto Alegre. Ponte (1979) se propõe a analisar a fala de vinte informantes de classe baixa, com o objetivo de observar o efeito da variável Classe. Ponte observou que as mulheres realizam um pouco mais de CN plena do que os homens, mas que pode haver uma influência individual de cada informante no resultado. Já para as variáveis linguísticas, os resultados se mantiveram consistentes em relação aos de estudos anteriores.

Nesse panorama, há ainda os estudos de Carvalho Nina (1980) e Guy (1981). O primeiro, realizado na região bragantina, utilizou vinte falantes analfabetos de classe baixa de dez cidades da região, estratificados em Gênero e Faixa Etária. Nesse sentido, os resultados da investigação possibilitaram a observação da variação em pessoas que não tiveram acesso a e nem contato com a escolarização formal. A variável nova aqui, Faixa Etária, mostrou-se relevante, uma vez que indicou que os adultos médios (em contraste com jovens e com adultos velhos) aplicam mais o plural, o que pode ser explicado pelo contato com o mercado de trabalho. Já o estudo de Gregory Guy (1981) realizado no Rio de Janeiro, no MOBREAL, com vinte informantes semialfabetizados, estratificados em Gênero e Faixa Etária, trouxe contribuições metodológicas para a observação das variáveis linguísticas. A principal delas foi em relação à variável Saliência Fônica, que foi dividida em duas dimensões: Processos e Tonicidade.

Os estudos pioneiros foram responsáveis por orientar os estudos subsequentes, na medida em que as variáveis linguísticas mais utilizadas nos estudos de hoje foram controladas

⁶ A inovação em relação às variáveis linguísticas nesse estudo se encontra na renomeação delas. Saliência Fônica passou a ser Processos Morfofonológicos de Formação de Plural, que virá a se tornar uma das dimensões da Saliência Fônica e que teve um de seus fatores, os plurais duplos, renomeado também para plurais metafônicos.

nessas pesquisas. Além disso, ao olharmos o conjunto dos resultados, é possível observar os indícios dos efeitos das macrocategorias na variação da CN.

2.2.2 A tese de doutoramento de Marta Scherre

A tese de doutoramento de Marta Scherre (1988) é um marco nos estudos sociolinguísticos labovianos acerca da CN no Português Brasileiro. Nesse estudo, a pesquisadora faz uma (re)análise minuciosa acerca da CN, tomando como base teórico-metodológica a Teoria da Variação Linguística, somada a aspectos da Teoria Funcionalista (KIPARSKY, 1972). Seu objetivo era descrever e explicar como as diferentes variáveis linguísticas e extralinguísticas regem a variação na CN.

A investigação contou, inicialmente, com 48 falantes estratificados em Escolaridade (primário, ginásio e colegial), Gênero (masculino e feminino) e Faixa Etária (15-25 anos, 26-49 anos e 50+ anos; idade pensada a partir da idade de inserção no mercado de trabalho). Depois, a amostra contou com a colaboração de mais 14 entrevistas de crianças e pré-adolescentes entre 7 e 14 anos, também estratificadas em escolaridade primária e ginásio, sendo todos do ensino público.

A grande inovação desse trabalho foi o desenho da análise da variável, que se subdividiu em duas partes complementares. De um lado, há a perspectiva *atomística* (mórfica), a qual se volta para cada elemento de dentro do sintagma nominal, observando os efeitos particulares de cada elemento. De outro, há a perspectiva *não atomística* (sintagmática), que considera, como objeto da análise, os sintagmas como um todo. O objetivo de analisar os dados em ambas as perspectivas é mostrar que, enquanto algumas variáveis atuam especificamente no sintagma nominal, outras atuam sobre cada elemento do SN.

Outro grande feito desse trabalho foi o conjunto numeroso de variáveis que a pesquisadora mobilizou. Ao todo, foram trazidas onze variáveis linguísticas para a perspectiva *atomística*⁷. Para os interesses deste trabalho, cabe focar nas variáveis Processos, Tonicidade, Posição Linear e Classe Gramatical. Primeiro, Scherre controla a Saliência Fônica a partir de duas dimensões⁸: Processos e Tonicidade. No fim, os resultados apontam que as variáveis

⁷ 1) Processos morfofonológicos de formação de plural; 2). Tonicidade dos itens lexicais singulares; 3) Número de sílabas dos itens lexicais singulares; 4) Posição Linear do elemento no SN; 5) Classe Gramatical do elemento nominal; 6) Marcação de precedentes ao elemento nominal analisado; 7) Contexto fonético/fonológico seguinte ao elemento nominal sob análise; 8) Função sintática do SN; 9) Animacidade dos substantivos; 10) Grau dos substantivos e dos adjetivos; e 11) Formalidade dos substantivos e dos adjetivos.

⁸ No estudo, ainda é sugerida uma terceira dimensão — número de sílabas —, porém ela se mostra irrelevante nas análises estatísticas.

condicionam a CN variável, mas que elas se sobrepõem⁹ e que palavras menos salientes recebem menos marcas. Já para Posição Linear e Classe Gramatical, irrelevantes no estudo, a pesquisadora afirma a necessidade de analisar, primeiramente, as variáveis separadamente. Para Posição Linear, manteve-se a conclusão generalizada de que o primeiro elemento do sintagma é categoricamente marcado. Para Classe Gramatical, a autora discute a explicação de Guy (1981) de que Posição Linear e Classe Gramatical estariam relacionadas, uma vez que, no primeiro elemento do SN, em sua maioria, estão os determinantes; no segundo, os substantivos (marcando o núcleo do SN); e, no restante, os adjetivos. Na investigação, Scherre se depara com o fato de que tomar Posição por Classe e vice-versa encobre regularidades linguísticas relevantes para o estudo da CN. Assim, a autora conclui que é necessário trabalhar as variáveis, separadas ou cruzadas, ou vinculadas com uma terceira, que relacione as duas.

Já para a análise não atomística, a autora controlou sete variáveis linguísticas¹⁰. Para os fins deste trabalho, o foco será as variáveis Configuração Sintagmática, Animacidade e Processos. Animacidade não se mostrou relevante. Para Configuração, os resultados se mostraram bastante relevantes e possibilitaram a conclusão de que a presença de artigo definido nas primeiras posições, com ou sem quantificador, e a presença de um substantivo ou de uma categoria substantivada na última posição favorecem a marca plena de padrão. Para a dimensão Processos, os resultados mostraram que elementos salientes estendem a sua influência para o restante dos elementos. Isso quer dizer que, se no SN houver um item com plural irregular, o restante dos elementos tenderá a favorecer a marca plena.

Por fim, quanto às variáveis sociais, Scherre verificou o efeito de Escolaridade e a sua relação proporcional ao uso de plural no SN. Quanto maior a escolaridade, mais frequente é a marcação. Da mesma forma, na variável Gênero, as mulheres marcam mais a CN do que os homens.

2.2.3 Trabalhos subsequentes

Em decorrência da tese de Marta Scherre, os estudos que se seguiram partiram de suas propostas e de seus métodos de análise, em uma tentativa de comprovar os seus achados. Assim,

⁹ A autora desenvolve, a partir desses resultados, alternativas de análise: analisar os dados ora com Processos e Tonicidade, ora sem Tonicidade, para observar o efeito de uma variável sobre a outra; e, em outro estudo (SCHERRE, 1989), a autora retoma tal argumento de forma mais detida e sugere que essas análises tenham a variável Escolaridade.

¹⁰ 1) Pluralidade do contexto; 2) Configuração sintagmática; 3) Saliência Fônica: dimensão processos; 4) Grau de formalidade do SN; 5) Pluralidade do SN; 6) Função textual, e 7) Localização do SN.

seguiu-se uma série de investigações (FERNANDES, 1996; OUSHIRO, 2015; MANGABEIRA, 2016; SCARDUA, 2018; DÁLIA; LUCCHESI, 2021; LUCCHESI; DÁLIA, 2022) que procurou examinar até que ponto os contextos linguísticos e sociais são realmente similares no português brasileiro e nas diferentes comunidades de fala.

Fernandes (1996) propõe um estudo com 48 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados VARSUL (1989-2006, cf. BISOL, 2000), de quatro comunidades de fala diferentes: Florianópolis e Chapecó, em Santa Catarina; Panambi, no Rio Grande do Sul; e Irati, no Paraná. A pesquisadora, por fim, apresenta apenas uma análise ao nível atomístico, e seus resultados alinham-se aos encontrados anteriormente. As poucas alterações foram em relação à faixa etária, com a indicação de que informantes mais velhos apresentam maiores proporções de marcação de plural do que os mais jovens.

Lívia Oushiro (2015), por sua vez, faz uso de 118 entrevistas para investigar a produção, a percepção e a avaliação linguística de quatro variáveis ((-r) em coda silábico, a nasalização de /e/ e as concordâncias nominal e verbal), procurando verificar a existência de uma coesão dialetal entre elas. No que concerne à CN, a autora discute a hipótese de que há uma associação da CN com o *continuum* rural-urbano¹¹. Em relação ao estudo de produção, os resultados vão ao encontro dos anteriores; apenas a variável Animacidade tomou um caminho diferente: enquanto outros estudos apontam que o traço [- humano] desfavorece a marca, no estudo de Oushiro, é o traço [+ humano] que desfavorece o plural. Observou-se ainda a influência do grau de mobilidade dos informantes e a associação da marca parcial de plural com moradores de bairros mais tradicionais da cidade, especialmente da Mooca.

O estudo de Andrea Mangabeira (2016), inserido na área da Linguística Aplicada, ocupou-se de uma investigação da CN em uma comunidade de prática em uma escola de Educação de Jovens e Adultos da cidade. Nesse estudo, a pesquisadora investigou a relação entre a CN, as práticas sociais e as identidades de jovens e adultos dos estudantes inseridos no espaço escolar investigado. O estudo quantitativo contou com 16 entrevistados, estratificados em Gênero e em categorias sociais de Jovens e Adultos. Além disso, foram controladas variáveis discursivas, como tópicos relacionados a cultura da escrita, cultura escolar e vida adulta, e estilística do modelo laboviano. Os resultados da pesquisadora indicam que a CN é

¹¹ Bortoni-Ricardo (2005, p. 40) concebe o português brasileiro a partir de três *continua*: rural-urbano, oralidade-letramento e monitoração estilística. O primeiro diz respeito às variáveis que “se estendem desde as variedades rurais geograficamente isoladas [...] até a variedade urbana culta”. O segundo refere-se aos polos constituídos de práticas sociais de oralidade e práticas sociais de letramento. Por fim, o terceiro remete ao processo que exige mais ou menos atenção e planejamento na hora de falar.

regida, na escola estudada, especialmente por Processos, Classe Gramatical e Marcas Precedentes e que a variação pode ser entendida como uma prática social/estilística.

Scardua (2018) investiga a CN em Vitória a partir de 46 entrevistas do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix), estratificadas em Gênero, Idade e Escolaridade. Além disso, a autora controla as variáveis Posição Relativa e Posição Linear cruzadas, Marcas Precedentes e Saliência Fônica, assim como Estilo (LABOV, 2001b [1972])¹². Os resultados vão ao encontro do que já vinha sido discutido anteriormente, com apenas uma ressalva importante: o grupo feminino se mostrou desfavorecedor da marca plena, indo de encontro a outros resultados.

Jaqueline Dália e Dante Lucchesi (2019), por seu turno, vão à área rural da serra fluminense, em Nova Friburgo/RJ e tomam como foco as variáveis sociais e a verificação da aplicação da regra, na perspectiva não atomística, na fala vernacular de 35 informantes de duas gerações, distribuídos em Gênero. Os autores, além disso, se inserem em uma discussão mais ampla acerca da CN e do português brasileiro, que remete à questão da origem da língua e da variável. De um lado, há a ideia de que o português brasileiro seja apenas uma continuidade do português de Portugal; de outro lado, há a hipótese contactista, que argumenta que o português brasileiro apresenta características específicas, decorrentes do contato entre línguas europeias, africanas e indígenas¹³. Os autores partem da segunda tese. A análise dos autores fez uso de dados de duas gerações com padrões de escolaridade muito distintos e tomou como foco a identificação dos fatores sociais que condicionam o processo variável, procurando verificar a possibilidade de uma mudança em progresso. Nesse sentido, o trabalho observou uma relação entre o acesso à escolarização e um possível processo de mudança em progresso na CN¹⁴.

¹² A Árvore de Decisão é um conjunto de critérios elaborados por Labov a partir do refinamento das categorias contextuais propostas pelo autor (LABOV, 2001b [1972]), com o intuito de identificar estilos de fala em entrevistas sociolinguísticas. A Árvore de Decisão se organiza em dois eixos de fala, casual e monitorada, em que cada eixo apresenta quatro critérios (*resposta*, *língua*, *soapbox* e *residual*, para o eixo monitorado; *narrativa*, *grupo*, *infância* e *tangente*, para o eixo casual), distribuídos em uma escala de objetividade; os primeiros critérios são os mais objetivos, enquanto os últimos são os menos. Para discussões acerca desse assunto, recomendo a leitura dos textos reunidos em Görski, Coelho e Souza (2014) e o artigo de Battisti *et al.* (2021), que discute a Árvore de Decisão, enquanto aplica os critérios propostos nas entrevistas sociolinguísticas do acervo LínguaPOA.

¹³ Para a primeira tese, indico a leitura de *Origens do Português Brasileiro* (2007), de Anthony Naro e Marta Scherre; para a segunda, *O Português Afro-Brasileiro* (2009), coletânea de estudos variacionistas labovianos organizada por Dante Lucchesi, Alan Baxter e Ilza Ribeiro, e *Língua e sociedade partidas* (2015), de Dante Lucchesi.

¹⁴ Scherre e Naro (2006, p. 120, grifos meus) já haviam alertado sobre o fato de a CN se apresentar como uma variável em processo de mudança, devido ao aumento do acesso à escolaridade formal: “Já é tempo de concluir. A variação na concordância nominal de número reflete bem o que denominamos metaforicamente de uma mudança sem mudança, no sentido de que é uma variação que não reflete mudança clara para todos os falantes nem reflete apenas uma linha de mudança, embora *estejamos capturando aumento de concordância em função de maior exposição ao ambiente escolar*, seja em termos de grupo ou de indivíduo, com um vislumbre de mudança geracional”.

Ademais, os pesquisadores observaram que unir Gênero com as atividades profissionais dos informantes também apresenta resultados explicativos quanto ao funcionamento da variável na comunidade:

Os jovens, que no geral são mais escolarizados, apresentaram o maior nível de uso da regra de concordância, conforme o padrão normativo da língua. As especificidades do gênero feminino, não apenas em sua relação com a escolarização, mas também no que concerne às atividades profissionais que assumem e sua relação com o mundo exterior, também fizeram com que as mulheres liderassem o processo de mudança. (DÁLIA; LUCCHESI, 2021, p. 241-242).

Por fim, Lucchesi e Dália (2022) retomam os dados de sua investigação em Nova Friburgo e produzem uma nova discussão: uma proposta de articulação entre as abordagens mórfica e sintagmática na análise das variáveis linguísticas. O objetivo era, além de contrapor a exclusividade da análise na perspectiva mórfica, “demonstrar que a conjugação das duas abordagens é o melhor caminho para deslindar os condicionamentos estruturais da variação na concordância nominal de número” (LUCCHESI; DÁLIA, 2022, p. 7384). Para isso, os autores propõem que a variável Posição Relativa deve combinar-se com a variável Configuração Sintagmática.

2.3 BREVES CONSIDERAÇÕES

A discussão apresentada aqui mostrou que, mesmo em comunidades de fala distintas, a CN variável apresenta similaridades quanto aos fatores condicionantes e ao encaixamento. Nesse quesito, cabe questionar se essa correspondência parte do fato de que a CN se apresenta como uma variável e com poucas divergências, como aponta Scherre (1994, p. 2, grifos meus):

O fenômeno da variação na concordância de número no português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é *característico de toda a comunidade de fala brasileira, apresentando diferenças mais de grau do que de princípio* [...] o fenômeno de variação de número no português do Brasil pode ser caracterizado como um caso de variação linguística inerente, tendo em vista que *ocorre em contextos linguísticos e sociais semelhantes e apresenta tendências sistemáticas de variação altamente previsíveis*.

Ou, se, em um movimento de manter a tradição de análise de Marta Scherre, os estudos posteriores à tese se preocuparam muito mais com atestar os resultados da pesquisadora do que com propor avanços metodológicos, como sugerem Lucchesi e Dália (2022, p. 7370, grifos meus):

A variação na concordância nominal de número é um dos aspectos da morfossintaxe do português mais estudados pela Sociolinguística Variacionista no Brasil, e a tese de Marta Scherre (1988), intitulada *Reanálise da Concordância Nominal em Português*, constituiu um marco no desenvolvimento das análises variacionistas do fenômeno. Scherre destaca como principais condicionamentos estruturais da variação na concordância nominal de número a posição do constituinte e sua natureza (nuclear ou não), a diferença entre a forma do singular e do plural do constituinte, com base no princípio da saliência fônica, e a presença ou ausência de marca de plural no constituinte precedente, no que se denominou paralelismo formal. Desde então, praticamente todas as análises do fenômeno seguem esse enquadramento (FERNANDES, 1996; LOPES, 2001; BRANDÃO, 2013; OUSHIRO, 2015; MARTINS; COELHO, 2019; entre outros). *Como a maioria desses estudos se contentou em comprovar os achados de Scherre (1988), poucos avanços foram alcançados na compreensão de como o mecanismo da concordância nominal de número é condicionado na estrutura da língua. Assim, algumas lacunas e incompreensões se mantêm, sobretudo na forma de abordar o fenômeno.*

Além disso, na perspectiva dos autores, os estudos subsequentes à tese, assim como o próprio trabalho de Marta Scherre (1988), tomaram como foco apenas a análise mórfica, deixando de lado a análise sintagmática. Segundo os pesquisadores, isso causou um problema nas análises e nas generalizações acerca da variável, pois:

A abordagem sintagmática (ou não atomística) é aquela que permite aferir a frequência de aplicação da regra de número no SN, enquanto a abordagem mórfica (ou atomística) informa o percentual de constituintes marcados em relação ao total de constituintes de todos os SNs (LUCCHESI; DÁLIA, 2022, p. 7377).

Em outras palavras, Lucchesi e Dália (2022) apontam que a observação real do uso variável da CN na fala coloquial deveria partir da análise sintagmática, tendo como complemento a análise mórfica. Assim, o objetivo deles é propor a articulação metodológica das duas abordagens de análise, além de novos condicionamentos que possibilitem analisar essas perspectivas juntas.

Apesar das críticas dos autores, cabe reconhecer que Marta Scherre iniciou uma tradição nos estudos sociolinguísticos acerca da CN no Brasil, possibilitando um entendimento que ainda vem sendo sustentado. Assim, faz-se necessário não só manter a tradição de análise, mas também abrir espaços para novos métodos que possam contribuir para o entendimento acerca de uma variável tão complexa, como é o caso da CN.

3 METODOLOGIA

São dois os objetivos que norteiam esta investigação. O primeiro é realizar uma análise de produção linguística em tempo aparente acerca do uso variável da CN na fala de Porto Alegre/RS, aos níveis mórfico e sintagmático, além de apresentar e discutir os resultados estatísticos, com o intuito de colaborar para o mapeamento da variável no território brasileiro. O segundo é buscar, por meio de uma análise qualitativa, indícios de significados sociais associados à variação da CN. A expectativa é encontrar alguma associação das variantes CN plena e CN parcial com o contraste centro-periferia no espaço social de Porto Alegre. Acredito que, além da Escolaridade e da Renda, as práticas sociais de lazer e de cultura dos informantes se relacionam com os diferentes graus de mobilidade da cidade (BATTISTI; OUSHIRO, 2022).

Diante disso, este capítulo apresenta a metodologia deste trabalho. Primeiramente, apresento o acervo LínguaPOA (2015-2019); em segundo lugar, relato os procedimentos metodológicos da análise quantitativa, nas perspectivas mórfica e sintagmática; por fim, discorro sobre a análise qualitativa.

3.1 O LÍNGUAPOA

O LínguaPOA (2015-2019) é um acervo constituído por áudios e transcrições de entrevistas sociolinguísticas realizadas na cidade de Porto Alegre/RS. As entrevistas, transcritas no programa ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2013)¹⁵, têm o objetivo de contribuir para os estudos linguísticos, culturais, sociais e históricos na e da capital gaúcha. O *corpus* resultou do projeto *Variação Fonética-Fonológica e Classe Social na Comunidade de Fala de Porto Alegre*, desenvolvido entre os anos de 2015 e 2019 no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), concebido e coordenado pela Profa. Dra. Elisa Battisti.

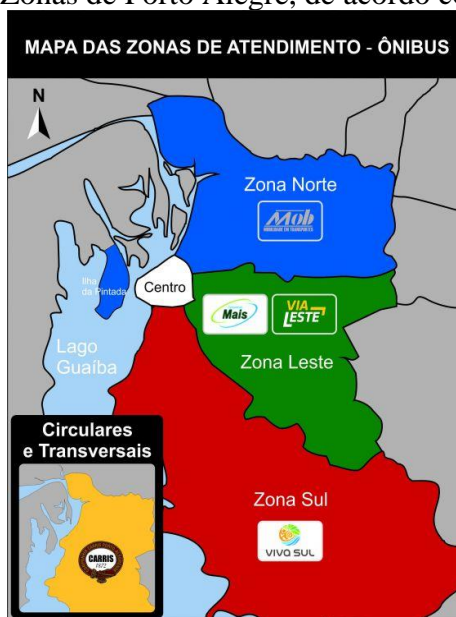
O banco de dados conta com 103 entrevistas realizadas, com duração média de 50 minutos cada, e que seguem um roteiro padrão e previamente estruturado, o qual contempla tópicos como família, trabalho, lazer, relação com a cidade, entre outros. Mesmo assim, ao longo das entrevistas, observa-se que o roteiro é flexibilizado, de modo a facilitar as condições de produção de uma fala mais espontânea. Em outros termos, os entrevistadores procuram

¹⁵ O ELAN foi desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística e é utilizado na realização de anotações de áudio e vídeo. Para mais informações, recomendo a leitura de Livia Oushiro (2014).

contornar o *paradoxo do observador* (LABOV, 2008 [1972])¹⁶ e estabelecer, com o encorajamento de tópicos que podem vir a promover a recriação de fortes emoções, um contexto que rompa com possíveis constrangimentos durante as entrevistas.

A distribuição dos informantes no acervo se dá pela estratificação em Zona (Norte, Sul, Leste e Centro), em Grupo Etário (20-39 anos, 40-59 anos e 60 ou mais anos), em Gênero (masculino e feminino) e em Nível de Escolaridade (fundamental¹⁷, médio e superior). Para o critério de Zona, foi utilizado o mapa de circulação dos ônibus urbanos da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) (ver Mapa 1), pois ele corresponde ao imaginário que os porto-alegrenses mobilizam para se localizarem na cidade e para delimitarem as Zonas (ROSA, 2014). A partir da combinação desses critérios, o acervo conta com dois representantes de cada perfil: um morador de um bairro de renda baixa e um de um bairro de renda alta para cada Zona da cidade.

Mapa 1 – Zonas de Porto Alegre, de acordo com a EPTC



Fonte: EPTC (2016, n.p.).

¹⁶ Labov (2008 [1972]) afirma que a questão fundamental da sociolinguística é compreender por que um sujeito diz algo. Com isso em mente, o autor propõe cinco princípios que levam a um paradoxo metodológico: a alternância de estilo ao longo da entrevista; a atenção prestada à fala; a procura pelo vernáculo; a formalidade da observação sistemática; e a necessidade de bons dados para a análise. A junção desses critérios resulta no que o autor chama de *paradoxo do observador*: “[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas — no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008 [1972], p. 244).

¹⁷ Inicialmente, foram previstas 144 entrevistas sociolinguísticas; porém, não foi possível preencher as células dos informantes com ensino fundamental, o que resultou na realização de 103 entrevistas.

3.2 A ANÁLISE QUANTITATIVA

A Sociolinguística Variacionista compreende a variação linguística como sistemática, capaz de ser representada por regras variáveis, percebidas em análises empíricas. Dessa forma, um estudo que siga tal linha necessita da realização de análises quantitativas de regra variável:

A análise de regra variável, de natureza quantitativa, aponta não só o peso relativo dos condicionamentos estruturais e sociais da variação, mas também a tendência de o processo avançar na comunidade, regredir, ou manter-se estável. Os programas computacionais empregados realizam análise logística de regressão, para verificar a interação de diferentes fatores e seus efeitos sobre as realizações variáveis estudadas. [...] A análise de regra variável só pode ser empreendida com uma grande quantidade de dados de fala (BATTISTI, 2014, p. 14).

Para isso, é necessário que haja uma organização dos informantes e das variáveis controladas no estudo. Esta seção discorre sobre esses aspectos e sobre o procedimento de análise quantitativa.

3.2.1 Os informantes

Para a escolha da amostra utilizada nesta investigação, levou-se em consideração a estratificação padrão do acervo LínguaPOA. Assim, foram selecionadas 32 entrevistas sociolinguísticas, todas da faixa etária intermediária (40-59 anos), distribuídas em Gênero (masculino e feminino); Escolaridade (básica¹⁸ e superior); Zona (Norte, Sul, Leste e Centro); e Renda média mensal domiciliar do bairro (baixa e alta). Na Tabela 1, observa-se a distribuição da amostra.

Tabela 1 – Distribuição dos 32 informantes da amostra¹⁹

	Centro				Leste			
	Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	
	Básica	Superior	Básica	Superior	Básica	Superior	Básica	Superior
Renda baixa	29	30	26	27	100	102	97	99
Renda alta	10	12	8	9	83	84	80	81
	Sul				Norte			
	Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	
	Básica	Superior	Básica	Superior	Básica	Superior	Básica	Superior
Renda baixa	137	138	134	135	65	66	62	63
Renda alta	119	120	116	117	47	48	44	45

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

¹⁸ Devido à falta de informantes de nível fundamental no acervo, os 16 informantes de nível básico de escolaridade abrangem três informantes de nível fundamental (Inf100, Inf97 e Inf10).

¹⁹ Os informantes em vermelho correspondem àqueles com escolaridade de nível fundamental.

3.2.2 As variáveis

Fernando Tarallo, em *A pesquisa sociolinguística* (1986), elabora um manual com o objetivo de introduzir os principais conceitos, problemas e ideias da pesquisa sociolinguística variacionista. O autor aponta que o passo inicial de uma pesquisa sociolinguística é definir e caracterizar o envelope de variação e, depois, elaborar os fatores linguísticos e sociais passíveis de condicionar a variação. Na sequência, apresento a variável resposta e as variáveis preditoras deste estudo.

3.2.2.1 A variável resposta

A variação na concordância nominal de número no sintagma nominal no português brasileiro diz respeito à produção ou não do morfema de plural, /s/, no final de todas as palavras flexionáveis em sintagmas nominais. Estruturalmente, prevê-se que o plural seja redundantemente produzido ao longo do sintagma. Porém, observa-se que, na fala, basta apenas um elemento do sintagma ter o morfema de plural ou haver algum elemento que indique pluralização, como um numeral, para que o sentido de pluralização seja expresso.

Dessa forma, a variação na CN apresenta duas variantes: a marcação plena e a marcação parcial de plural. Sendo assim, o plural pode ser redundantemente marcado (Inf99), ou apresentar apenas um elemento marcado (Inf30) ou um elemento não marcado (Inf26), ou ter seu sentido pluralizado em razão de um elemento não flexionável (Inf97). Em (2), pode-se observar o envelope de variação:

- | | |
|--------------------------------|------------------------------|
| (2) todas as opções (Inf99) | os meus funcionárioØ (Inf26) |
| aqueles novelaØ velhaØ (Inf30) | quinze anoØ (Inf97) |

Cabe salientar ainda que a variável resposta deste estudo é a marcação plena de plural, ou seja, o uso redundante do plural ao longo do sintagma.

3.2.2.2 As variáveis preditoras

3.2.2.2.1 Análise mórfica: variáveis linguísticas

Para a análise mórfica, foram utilizadas cinco variáveis linguísticas. No Quadro 1, são apresentadas tais variáveis e seus respectivos fatores.

Quadro 1 – Variáveis linguísticas para a análise mórfica

Variável	Fatores
Saliência Fônica	Plural regular oxítono: “ <i>os irmãos</i> ” Plural regular paroxítono: “ <i>outros clubes</i> ” Plural regular proparoxítono: “ <i>os políticos</i> ” Plural irregular: “ <i>os professores</i> ”
Processos Morfofonológicos para a formação de plural	Plural regular: “ <i>nossos afilhados</i> ” Plural irregular: “ <i>os ovos</i> ”
Tonicidade do item lexical singular	Monossílabos tônicos e oxítonos: “ <i>os locais</i> ” Monossílabos átonos e paroxítonos: “ <i>as provas</i> ” Proparoxítonos: “ <i>pontos específicos</i> ”
Posição Relativa do elemento ao núcleo	Pré-nuclear: “ <i>as escolas</i> ” Núcleo: “ <i>todas as pessoas</i> ” Pós-nuclear: “ <i>vizinhos maravilhosos</i> ”
Posição Linear do elemento no Sintagma Nominal	Primeira posição: “ <i>as pessoas</i> ” Segunda posição: “ <i>quatro anos</i> ” Terceira posição: “ <i>todas as praias</i> ” Outras posições: “ <i>todas as trilhas possíveis</i> ”
Classe Gramatical do item analisado	Elemento nominal: “ <i>meus tios</i> ” Elemento não nominal: “ <i>aquelas brigas</i> ”

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A Saliência Fônica é uma variável abundantemente controlada em estudos acerca da CN. Porém, a variável foi elaborada por Naro e Lemle (1977 *apud* CHAVES, 2014) em um estudo acerca da variação na concordância verbal no português brasileiro (*eles foram > eles foi*). Brevemente explicada, a Saliência Fônica diz respeito à diferenciação do material fônico dos elementos linguísticos no contraste singular/plural. Mesmo tendo sido inicialmente controlada com Braga e Scherre (1976), a foi produzida uma metodologia mais completa de análise dessa variável no trabalho de Scherre (1998b): a variável foi observada a partir de duas dimensões estatisticamente relevantes: Processos Morfofonológicos de formação de plural, com seis fatores, e Tonicidade do item lexical singular, com três fatores. Por fim, a autora concluiu que as variáveis se sobrepõem na análise.

Uma das alterações da análise na investigação deste trabalho é o número de fatores das variáveis. Primeiramente, a variável Processos apresenta, predominantemente, seis fatores (plural metafônico, itens com final em /l/, em /ão/, em /r/, em /s/ e plurais regulares), distribuídos em um *continuum* de saliência, indo dos menos salientes (plurais regulares) até os mais salientes

(metafônicos). Porém, a diferenciação fônica entre singular e plural dos elementos correspondentes ao restante dos fatores apresenta uma instabilidade que torna difícil a hierarquização desses fatores. Diante disso, optei por amalgamar os seis fatores em dois: plurais regulares e plurais irregulares. Em segundo lugar, na Saliência Fônica, procurei manter a diferenciação entre plurais regulares e irregulares, diferenciando apenas os plurais regulares quanto à sua Tonicidade. Essa decisão se deu com base nos dados analisados: quase todos os elementos com plurais irregulares são oxítonos, o que fez com que plurais irregulares paroxítonos e proparoxítonos apresentassem um desbalanceamento no número de ocorrências, impossibilitando sua análise.

O presente trabalho controlou as três variáveis (Processos, Tonicidade e Saliência Fônica). Considerando que Processos e Tonicidade se sobrepõem, foram feitas duas análises, sugeridas por Scherre (1988): uma apenas com a variável Processos e uma com ambas, com o intuito de observar o efeito da Tonicidade sobre Processos. Com essa análise, espero observar alguma diferença estatística entre as duas análises, uma vez que “inevitavelmente haverá diferenças probabilísticas” entre os dois tipos de análises (SCHERRE, 1989, p. 307). Assim, suponho que os elementos irregulares, mais salientes, sejam mais marcados do que os menos salientes, os plurais regulares; e que os elementos oxítonos e monossílabos tônicos sejam favorecedores da marca plena, na medida em que a sílaba que recebe o morfema de plural é a mesma que recebe o acento da palavra, o que faz com que a sílaba se torne mais saliente.

Além disso, realizei uma análise com a variável Saliência Fônica, com o objetivo de observar o comportamento dos plurais regulares, porque, segundo Scherre (1988), Tonicidade tende a ser significativa quando plurais regulares são analisados separadamente, isto é, a partir de sua Tonicidade. Dessa forma, partindo de Scherre e Naro (1998), a expectativa é que, além dos plurais irregulares, os plurais regulares oxítonos e monossílabos tônicos também fossem favorecedores da marca plena de plural, devido à saliência na última sílaba.

Foi verificado ainda o efeito das variáveis Posição Linear, Posição Relativa e Classe Gramatical. As variáveis são não ortogonais, e, conseqüentemente, a análise deve ser separada. Posição Linear refere-se à posição ocupada pelo elemento dentro do sintagma nominal. Posição Relativa, por seu turno, diz respeito à relação do elemento com o núcleo do sintagma, havendo apenas três possibilidades: ser anteposto ou posposto ao núcleo, ou ser o núcleo. Por fim, há a variável Classe Gramatical dos elementos analisados. Essa variável, assim como a Posição Linear, não apresenta um número exato de fatores para a análise, isto é, ela depende dos contextos linguísticos presentes no estudo. Devido a isso e ao número vacilante de ocorrências

para cada Classe Gramatical, priorizei a separação da variável em apenas dois fatores: elementos nominais e não nominais²⁰.

Para essas variáveis, acredito que os resultados serão similares aos encontrados em estudos anteriores. Assim, para Posição Linear, a hipótese é a de que o primeiro elemento apresente um alto índice de marcação plena de plural. A Posição Relativa, por sua vez, é bastante sistemática quanto aos resultados, uma vez que os elementos antepostos ao núcleo são favorecedores da marca plena de plural. Já para a Classe Gramatical, especulo que elementos não nominais sejam favorecedores da marca plena, pois ocorrem, majoritariamente, antepostos ao núcleo (posição favorecedora de tal marca).

3.2.2.2.2 Análise sintagmática: variáveis linguísticas

A análise sintagmática conta com três variáveis linguísticas. No Quadro 2, constam as variáveis e seus fatores.

Quadro 2 – Variáveis linguísticas para a análise sintagmática

Variável	Fatores
Configuração sintagmática	Sintagma sem elemento pós-nuclear: “ <i>essas atividades</i> ” Sintagma com elemento pós-nuclear: “ <i>assaltos <u>maiores</u></i> ”
Animacidade do núcleo	[+ humano] “ <i>os <u>bebês</u></i> ” [- humano] “ <i>os <u>trabalhos</u></i> ”
Saliência Fônica do sintagma	Sintagma com elemento saliente: “ <i>as <u>tradições</u></i> ” Sintagma sem elemento saliente: “ <i>as <u>ciclovias</u></i> ”

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A variável Configuração Sintagmática diz respeito à organização das palavras dentro do SN, e essa organização é tratada de diferentes formas; conseqüentemente, não há um padrão quanto à sua forma de análise. Scherre (1988), por exemplo, faz uso de onze fatores e conclui que a presença de artigos, com ou sem quantificadores, nas primeiras posições do SN e a presença de substantivos, ou de categorias substantivadas, na última posição favorecem a marcação plena de plural. Oushiro (2015), por sua vez, controla a variável com apenas dois fatores: com posições pós-nucleares e sem posições pós-nucleares. Os resultados indicam que

²⁰ Um detalhe importante é que, majoritariamente, os elementos nominais estão em posição nuclear e na segunda posição do SN, enquanto os elementos não nominais não ocorrem em tais posições e tendem a ocorrer ou na primeira, ou no restante das posições. Esse fato contribui para o argumento de que tais variáveis não podem ser analisadas em conjunto.

sintagmas com elementos pós-nucleares favorecem a marca parcial, enquanto sintagmas sem elementos pós-nucleares a desfavorecem. Para este estudo, optei por seguir a proposta de Livia Oushiro (2015), na medida em que os sintagmas se mostraram muito diversos. Por conseguinte, espero poder verificar certa similaridade com os resultados encontrados por Oushiro.

A animacidade do núcleo apresenta dois fatores: o núcleo pode ser [+ humano] ou [- humano]. No estudo de Marta Scherre, Animacidade não se mostrou relevante. Já em estudos como o de Brandão e Vieira (2012 *apud* OUSHIRO, 2015), verificou-se que o traço [+ humano] favorece a marca parcial e o traço [- humano] favorece a marca plena de plural. Já no estudo de Oushiro (2015), o traço [+ humano] desfavorece a marca parcial, enquanto o traço [- humano] favorece. Observa-se que, no âmbito dessa variável, os resultados não são tão sistemáticos quanto aqueles relacionados às outras variáveis discutidas até então. Portanto, acredito ser interessante investigar o seu comportamento na comunidade de fala de Porto Alegre. Com os resultados, espero verificar uma concordância com o estudo de Oushiro, ou seja, verificar um favorecimento da marca plena por parte do traço [+ humano].

Por fim, a variável Saliência Fônica foi também observada na análise sintagmática. Nesse caso, a variável foi observada por meio da oposição entre sintagmas com elementos salientes e sintagmas com elementos não salientes. Tanto Scherre (1988) quanto Lucchesi e Dália (2022) observaram que os resultados são significativos. Assim, espero que os resultados desta pesquisa vão ao encontro daqueles encontrados pelos autores: sintagmas com elementos salientes favorecem a marca plena de plural, e sintagmas com elementos não salientes a desfavorecem.

3.2.2.2.3 Variáveis sociais

Além das variáveis linguísticas, também controlei quatro variáveis sociais. O Quadro 3 apresenta as variáveis e os seus fatores.

Quadro 3 – Variáveis sociais

Variável	Fatores
Gênero	Masculino Feminino
Escolaridade	Básica (nível fundamental e médio) Superior
Renda domiciliar do bairro de residência	Baixa Alta
Zona	Centro Leste Norte Sul

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As variáveis foram escolhidas a partir da estratificação do próprio acervo utilizado. A variável Gênero, considerada por Scherre (1998a) como uma das mais selecionadas nos estudos da CN, tende a indicar que os homens desfavorecem a marca plena de plural. Tendo em vista que a CN tem se mostrado uma variável estável e a saliente no português brasileiro, observa-se que os resultados, em sua maioria, vão ao encontro do princípio elaborado por Labov (2001a, p. 266, tradução nossa): “Para variáveis sociolinguisticamente estáveis, as mulheres apresentam um menor uso de variantes estigmatizadas e um maior uso de variantes de prestígio do que os homens”²¹.

A Escolaridade também se mostra outro fator crucial nos estudos da CN, uma vez que Escolaridade e CN apresentam uma forte correlação. Conforme Scherre (1988, 1998a) e Scherre e Naro (2006), a parcela do uso pleno de plural no sintagma é proporcional ao nível de escolaridade; isto é, quanto mais alto o nível de escolaridade, maior o uso da marca plena de plural. Assim, acredito que, quanto maior o acesso à escolarização formal, menores serão as proporções de uso de plural parcial, pois há uma íntima relação entre o uso variável da CN e o contato com a cultura letrada escolar. Espero comprovar tal afirmação nos resultados.

A variável Renda, por sua vez, no LínguaPOA (2015-2019), diz respeito à renda média domiciliar mensal do bairro de residência dos informantes. Assim, foram considerados informantes moradores de *bairros* de renda baixa ou alta. Por fim, há a variável Zona, estratificada de acordo com o imaginário dos porto-alegrenses sobre a distribuição territorial da cidade (ver Mapa 1). Para Renda, parto de estudos anteriores (mesmo que tragam estratificações

²¹ Do original: “For stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men”.

diferentes) e espero verificar um favorecimento da marca plena por parte dos informantes moradores de bairros de renda alta. Já para a variável Zona, levando em consideração questões de mobilidade e de distribuição centro/periferia da cidade, suponho que os moradores das Zonas não centrais apresentem uma maior proporção de variação da CN, em contraste com os residentes da Zona Central.

3.2.3 O percurso metodológico

Os dados foram levantados a partir de 32 entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA e registrados na planilha de dados (*dataframe*), para que pudessem ser codificados a partir da variável resposta (aplicação da CN plena) e das variáveis preditoras. Dados cujos contextos se apresentavam como contestáveis não foram acrescidos à planilha: casos de neutralização (*as saias*) e sintagmas com *mês*, *vez* e *às vezes*, devido à tendência de muitos falantes diminuírem a produção da vogal entre as fricativas, o que causa dúvidas quanto à produção ou não do plural. Além disso, não foram codificados sintagmas preposicionados²² (*os tios das minhas amigas*). Nesses casos, dividiu-se o segmento em dois sintagmas: 1) os tios; e 2) de_as minhas amigas.

Na sequência, os dados foram submetidos à análise quantitativa de regra variável, a fim de verificar as variáveis preditoras condicionantes. A análise se deu no programa R (R CORE TEAM, 2019), interface Rstudio, e ocorreu em duas fases. Em primeiro lugar, realizei os testes de *qui-quadrado* (de Pearson), para verificar quais fatores das variáveis apresentavam diferenças significativas entre as proporções de aplicação da regra. Essa etapa permite verificar se há uma diferença significativa entre as proporções de aplicação de cada fator. Depois, parti dos resultados de *qui-quadrado* e da verificação das variáveis com valor-p significativo (<0,005), e elaborei os *modelos lineares de efeitos mistos* (função *glmer*). Nesses modelos, incluí apenas as variáveis com valor-p significativo e Informante e Sintagma, como variáveis aleatórias, com o intuito de minimizar um efeito estatístico de contextos linguísticos repetitivos ou de categorias individuais de cada informante. Esse modelo se faz importante, pois possibilita observar se as variáveis aleatórias interferem ou não nos resultados estatísticos das variáveis previsoras.

²² Uma das variáveis controladas neste estudo diz respeito à configuração sintagmática pós-nuclear. Nesse sentido, faz necessário, em etapas futuras, unir esses sintagmas preposicionados com seus respectivos sintagmas nominais para verificar, com mais fidelidade, o efeito que os sintagmas preposicionados têm na variável Configuração Sintagmática.

3.3 METODOLOGIA QUALITATIVA

Amparada na teoria social de Pierre Bourdieu (1996, 2007), realizei uma análise qualitativa, com o intuito de observar se Escolaridade e Renda podem associar-se, de alguma forma, a práticas sociais dos informantes, como ir a bares e a restaurantes, viajar, entre outras, práticas essas que motivariam a realização variável da CN. Para essa análise, parto da premissa de que a Renda e a Escolaridade dos sujeitos interferem no acesso a espaços públicos regidos por um capital econômico. Em outros termos, pessoas com escolaridade mais alta estão mais bem situadas no mercado de trabalho, conseqüentemente, tendo maiores salários, o que permite o acesso a espaços mais privilegiados, em que a língua padrão é apreciada. Acredito ainda que é possível observar o efeito da relação centro-periferia: de um lado, os informantes residentes no centro da cidade apresentariam altas proporções de uso de CN plena; por outro lado, os informantes de áreas não centrais apresentariam proporções maiores de CN parcial, pois teriam que se locomover para o centro para realizar práticas cotidianas, como trabalho e lazer, o que sugere um índice maior de mobilidade geográfica pela cidade.

Para verificar tais hipóteses, retornei às entrevistas sociolinguísticas e às fichas sociais dos informantes e procurei por relatos das suas práticas sociais, assim como das suas categorias sociais. Para esta análise, portanto, as perguntas norteadoras foram: quais são as práticas sociais desses informantes? Quais são seus *estilos de vida*?

Para tanto, tomei como aparato metodológico a Análise de Conteúdo (FRANCO, 2005; BARDIN, 2011), uma técnica de estudo que visa à descrição do conteúdo das mensagens em uma comunicação; no caso desta pesquisa, há a entrevista sociolinguística. Para não esgotar o estudo, optei por organizar uma análise a partir da *regra da representatividade*, isto é, escolhi, entre os 32 informantes, uma amostra que fosse representativa do universo da amostragem. Por fim, fiz uso de oito entrevistas e tomei como unidade de análise o registro temático, responsável por indicar as práticas sociais desses informantes. Os oito informantes têm entre 40 e 59 anos e são do gênero masculino. A organização deles se deu em um *continuum* de suas proporções de uso de CN plena. Além do Gênero, os informantes apresentam uma combinação ora de ensino superior e renda alta, ora de ensino básico e renda baixa. Outro fator considerado foi a presença de dois informantes por Zona²³. No Quadro 4, estão dispostas as informações sociais dos oito entrevistados.

²³ A escolha por informantes do gênero masculino se deu em função dos resultados quantitativos, que apontam os homens como favorecedores da marca plena. Optamos pela junção de Escolaridade e Renda para testar a nossa hipótese de que a Escolaridade e a Renda, juntas, interferem na participação dos sujeitos em diferentes

Quadro 4 – Informações sociais dos informantes

Informante	Escolaridade	Renda	Zona/Bairro	Proporção de CN
Inf09	Superior	Alta	Zona Central (Menino Deus)	99%
Inf81	Superior	Alta	Zona Leste (Rio Branco)	98%
Inf117	Superior	Alta	Zona Sul (Tristeza)	93%
Inf45	Superior	Alta	Zona Norte (Jardim Itu Sabará)	87%
Inf26	Básica	Baixa	Zona Central (Cidade Baixa)	86%
Inf134	Básica	Baixa	Zona Sul (Restinga)	80%
Inf97	Básica	Baixa	Zona Leste (Mario Quintana)	73%
Inf62	Básica	Baixa	Zona Norte (Cristo Redentor)	66%

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Nos capítulos seguintes, apresento os resultados encontrados nas análises quantitativas e qualitativas.

esferas sociais, como bares, restaurantes, viagens etc., influenciando, portanto, em seus capitais e *habitus*. Mobilizar dois informantes de cada Zona também foi uma escolha para testar a hipótese acerca de uma possível relação entre centro-periferia e a CN.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: ANÁLISE QUANTITATIVA

O tratamento estatístico dos dados ocorreu em duas etapas, no programa R (R CORE TEAM, 2019), interface RStudio. Primeiro, realizei testes de *qui-quadrado* (de Pearson), para verificar as variáveis preditoras que condicionam a variação na comunidade, isto é, as variáveis com valor-p significativo ($<0,005$). Após essa etapa, incluí as variáveis nos modelos de *regressão logística de efeitos mistos* (*glmer*), para observar as variáveis correlacionadas à variação e os fatores favorecedores da marca plena de plural, controlando as variáveis fixas (Quadros 1, 2 e 3) e as aleatórias (Sintagma e Informante). A utilização desse modelo se justifica, pois ele minimiza os efeitos estatísticos que contextos linguísticos repetitivos e características dos informantes podem causar. Esse é o aspecto inovador desta análise, em relação aos estudos anteriores. Isso posto, neste capítulo, apresentarei, respectivamente, a análise e a discussão dos resultados estatísticos, nas perspectivas mórfica e sintagmática.

4.1 ANÁLISE MÓRFICA

Foram coletados 8.719 contextos linguísticos das 32 entrevistas sociolinguísticas utilizadas neste estudo, os quais apresentam uma proporção de CN plena de 93%, em contraste com apenas 7% de CN parcial. Além disso, controlei seis variáveis linguísticas (ver Quadro 1) e quatro sociais (ver Quadro 3), as quais indicam pouca variação na CN na comunidade de Porto Alegre.

Tendo em mente a sistematicidade da CN quanto à sua variação no território brasileiro e considerando que a perspectiva mórfica se mostra avançada nas análises estatísticas, não foi uma surpresa verificar que todas as variáveis previsoras apresentaram um valor-p significativo no teste de *qui-quadrado*. Assim, todas foram incluídas em diferentes modelos de regressão logística de efeitos mistos na função *glmer*, levando em consideração a sobreposição entre elas.

Em um primeiro momento da análise, elaborei três modelos diferentes: um com Processos e Tonicidade; um com apenas Tonicidade, para observar se haveria uma “sobreposição entre as duas variáveis, decorrente da realidade linguística que envolve os dados analisados” (SCHERRE, 1989, p. 306); e um terceiro com Saliência Fônica. Em relação aos dois primeiros modelos (com e sem Tonicidade), esperava poder observar alguma diferenciação nos resultados; porém, mesmo com a sobreposição das variáveis, verifiquei que Tonicidade não interfere nos resultados estatísticos de Processos. Além disso, assim como Scherre (1988), Oushiro (2015) e Mangabeira (2016), esperava que os plurais irregulares fossem favorecedores

da marca plena de plural, dado que são majoritariamente oxítonos e que, conseqüentemente, o acento recaía na última sílaba, deixando-a mais saliente. Assim, esperava observar um favorecimento da marca plena por parte dos elementos oxítonos e dos monossílabos tônicos. Na Tabela 2, abaixo, apresento apenas um dos modelos, em que consta a presença de Tonicidade. Nela, é possível observar que tais hipóteses são corroboradas.

Tabela 2 – Modelo de regressão de efeitos mistos da CN plena, perspectiva mórfica

N = 8719*Intercept* = 17,93589

Variável	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	<i>p</i>
Processos					
Plural irregular (valor de ref.)	525/551 (95%)				
Plural regular	7556/8168 (92%)	-3,90179	0,89600	-435	1,33e-05***
Tonicidade					
Oxítone (valor de ref.)	1573/1661 (95%)				
Paroxítone	6335/6863 (92%)	-1,03213	0,44724	-2,308	0,021012*
Proparoxítone	173/195 (89%)	-2,50228	0,67639	-3,699	0,000216***
Posição Linear					
Outras posições (valor de ref.)	102/117 (87%)				
Primeira posição	3543/3559 (99%)	4,85787	1,08122	4,493	7,02e-06***
Segunda posição	3728/4252 (88%)	-3,17646	1,06322	-2,988	0,002812**
Terceira posição	708/791 (89%)	-4,00203	1,09410	-3,658	0,000254***
Gênero					
Feminino (valor de ref.)	4145/4372 (95%)				
Masculino	3936/4347 (90%)	-0,05371	0,34442	-0,156	0,876076
Escolaridade					
Básica (valor de ref.)	3523/3917 (90%)				
Superior	4558/4802 (95%)	0,80335	0,33312	2,412	0,015883*
Renda domiciliar do bairro					
Alta (valor de ref.)	4022/4243 (95%)				
Baixa	4059/4476 (91%)	-1,26161	0,35029	-3,605	0,000316***
Zona					
Centro (valor de ref.)	2407/2551 (94%)				
Leste	2024/2232 (91%)	-0,70621	0,47931	-1,473	0,140646
Norte	1569/1709 (92%)	-1,07474	0,48176	-2,231	0,025692*
Sul	2081/2227 (93%)	-0,73318	0,48153	-1,523	0,127860

Modelo 1 (*glmer*). PROCESSOS + TONICIDADE + POSIÇÃO LINEAR + GÊNERO + ESCOLARIDADE + RENDA + ZONA + (1 | SINTAGMA) + (1 | INFORMANTE).

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Na Tabela 2, observa-se que, com exceção de Gênero, todas as variáveis correlacionam-se com a CN plena. Observam-se, no âmbito linguístico-estrutural, os elementos plurais regulares, paroxítonos e proparoxítonos, assim como elementos em segunda e em terceira posição, como desfavorecedores da marca plena de plural, e a primeira posição, como esperado, como favorecedora. Da mesma maneira, no componente social, observamos que apenas a escolaridade superior favorece a marca plena, enquanto a renda baixa e as Zonas não centrais a desfavorecem.

Quanto ao modelo com a variável Saliência Fônica, a minha hipótese era a de que seria possível observar uma concordância em relação a esse modelo e ao anterior. Isso, porque esperava poder observar que, além dos plurais irregulares, os plurais regulares oxítonos se mostrariam como desfavorecedores da marca plena de plural, devido à saliência na última sílaba. Porém, o modelo indicou apenas os plurais irregulares como favorecedores da marca plena. Os plurais regulares oxítonos apresentaram um favorecimento da CN parcial, o que foi de encontro à hipótese inicialmente elaborada. O que fica a ser respondido em estudos futuros é o porquê dessa diferença de comportamento dos dados de plurais regulares oxítonos, uma vez que se observa, na Tabela 2, os elementos oxítonos (inseridos do *intercept*) indicando um favorecimento da CN plena e, na Tabela 3, esse mesmo grupo favorecendo a CN parcial. Partindo do fato de que os plurais irregulares são, majoritariamente, oxítonos, cabe verificar se a presença desses plurais no fator Plural Irregular, na Tabela 2, pode ser um fator passível de provocar tal modificação nos resultados, ou se há outras variáveis que condicionam mais fortemente a variável, causando essa diferenciação nos resultados dos fatores.

Tabela 3 – Modelo de regressão de efeitos mistos de CN plena, perspectiva mórfica

 $N = 8719$ $Intercept = 17,0051$

Variável	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	<i>p</i>
Saliência Fônica					
Plural irregular (valor de ref.)	487/510 (95%)				
Plural regular oxítono	1101/1167 (94%)	-3,6494	0,9395	-3,884	0,000103***
Plural regular paroxítono	6320/6847 (92%)	-3,8136	0,8615	-4,427	9,56e-06***
Plural regular proparoxítono	173/195 (89%)	-4,7224	1,0539	-4,481	7,43e-06***
Posição Linear					
Outras posições (valor de ref.)	102/117 (87%)				
Primeira posição	3543/3559 (99%)	4,6496	1,0652	4,365	1,27e-05***
Segunda posição	3728/4252 (88%)	-3,1179	1,0476	-2,976	0,002917**
Terceira posição	708/791 (89%)	-3,9026	1,0823	-3,606	0,000311***
Gênero					
Feminino (valor de ref.)	4145/4372 (95%)				
Masculino	3936/4347 (90%)	-0,2552	0,3894	-0,655	0,512304
Escolaridade					
Básica (valor de ref.)	3523/3917 (90%)				
Superior	4558/4802 (95%)	2,5218	0,5483	4,599	4,28e-06***
Renda domiciliar do bairro					
Alta (valor de ref.)	4022/4243 (95%)				
Baixa	4059/4476 (91%)	-1,5141	0,4328	-3,498	0,000468***
Zona					
Centro (valor de ref.)	2407/2551 (94%)				
Leste	2024/2232 (91%)	-1,8726	0,6626	-2,826	0,004714**
Norte	1569/1709 (92%)	-1,0621	0,5661	-1,876	0,060633
Sul	2081/2227 (93%)	-1,6266	0,6016	-2,704	0,006859**

Modelo 7 (*glmer*). SALIÊNCIA FÔNICA + POSIÇÃO LINEAR + GÊNERO + ESCOLARIDADE + RENDA

+ ZONA + (1 | SINTAGMA) + (1 | INFORMANTE).

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Os resultados na Tabela 3 apresentam muitas semelhanças com os resultados da Tabela 2, indicando a sistematicidade do processo variável. Nota-se, novamente, o desfavorecimento da marca de plural plena por parte dos elementos de plural regular, independentemente de sua Tonicidade, de elementos em segunda e terceira posições, dos fatores de renda baixa e das Zonas não centrais; e o favorecimento por parte do fator de escolaridade superior.

Em um segundo momento de análise, meu foco se voltou às variáveis Posição Linear, Posição Relativa e Classe Gramatical. Recordando que tais variáveis são não ortogonais e que, portanto, devem ser analisadas separadamente, organizei a análise da seguinte forma: cada um dos três modelos mencionados acima, com as variáveis Processos, Tonicidade e Saliência Fônica, apresentaram três versões, contendo, uma, Posição Linear, outra, Posição Relativa e, uma terceira versão, Classe Gramatical. Observa-se, pelas Tabelas 2 e 3, que Posição Linear vai ao encontro da hipótese deste trabalho e dos resultados de investigações anteriores: há uma marcação categórica de plural pleno em elementos de primeira posição e uma variação maior nos elementos no restante das posições, com um desfavorecimento da CN plena. Tal resultado reforça a afirmação de Marta Scherre (1998b, p. 92), que considera que:

[...] a primeira posição do SN é o fator que mais favorece a inserção da marca formal de plural, ocorrendo uma queda brusca em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer a presença da marca formal de plural no SN.

Assim, apresenta-se, em Posição Linear, a unânime conclusão de que ela é a variável mais importante no que tange à influência polarizada e uniforme da CN.

Segundo Oushiro (2015), a variável Posição Relativa é uma das mais importantes para o entendimento da CN variável, pois os elementos antepostos ao núcleo, predominantemente aqueles em primeira posição, são favorecedores da marca de plural, enquanto os elementos nucleares e pós-nucleares, majoritariamente nas demais posições, desfavorecem essa marca. Na Tabela 4, abaixo, é possível observar que os resultados encontrados na investigação deste trabalho correspondem à afirmação de Oushiro. Observa-se ainda a semelhança entre os modelos nas tabelas acima e o presente na Tabela 4: elementos antepostos e em primeira posição aplicam categoricamente o plural, sendo responsáveis, em sua maioria, pelo sentido pluralizado do sintagma; enquanto isso, os elementos nucleares, pós-nucleares, de segunda, de terceira e de demais posições apresentam uma queda quanto às proporções de uso de plural pleno, assim como se mostram desfavorecedores da marca plena.

Tabela 4 – Modelo de regressão de efeitos mistos da CN plena, perspectiva mórfica

 $N = 8719$ $Intercept = 16,6251$

Variável	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	<i>p</i>
Processos					
Plural irregular (valor de ref.)	525/551 (95%)				
Plural regular	7556/8168 (92%)	-1,0186	0,5886	-1,731	0,0832
Tonicidade					
Oxítona (valor de ref.)	1573/1661 (95%)				
Paroxítona	6335/6863 (92%)	-3,2015	0,4630	-6,915	4,68e-12***
Proparoxítona	173/195 (89%)	-3,2583	0,6556	-4,970	6,70e-07***
Posição Relativa					
Anteposta (valor de ref.)	3744/3778 (99%)				
Nuclear	3880/4439 (87%)	-6,0245	0,3297	-12,274	<2e-16***
Posposto	457/502 (91%)	-6,0527	0,4513	-13,411	<2e-16***
Gênero					
Feminino (valor de ref.)	4145/4372 (95%)				
Masculino	3936/4347 (90%)	-1,3076	0,2415	-5,415	6,14e-18***
Escolaridade					
Básica (valor de ref.)	3523/3917 (90%)				
Superior	4558/4802 (95%)	0,9481	0,2305	4,113	3,91e05***
Renda domiciliar do bairro					
Alta (valor de ref.)	4022/4243 (95%)				
Baixa	4059/4476 (91%)	-0,9766	0,2307	-4,234	2,30e-05***
Zona					
Centro (valor de ref.)	2407/2551 (94%)				
Leste	2024/2232 (91%)	-0,4309	0,3129	-1,377	0,1684
Norte	1569/1709 (92%)	-0,5030	0,3233	-1,556	0,1197
Sul	2081/2227 (93%)	-0,1633	0,3154	-0,518	0,6047

Modelo 2 (*glmer*). PROCESSOS + TONICIDADE + POSIÇÃO RELATIVA+ GÊNERO + ESCOLARIDADE + RENDA + ZONA + (1 | SINTAGMA) + (1 | INFORMANTE).

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Nesta quarta tabela, já é possível observar informações novas. Primeiramente, há a correlação da variável Gênero, sendo o fator masculino um desfavorecedor da marca plena. Em segundo lugar, há a variável Posição Relativa, que aponta para os elementos nucleares e pós-nucleares também como desfavorecedores da marca plena. E, em terceiro lugar, há a não correlação da variável Zona.

Quanto à Classe Gramatical, esperava que elementos nominais (substantivos, adjetivos e categorias substantivadas) favorecessem a CN parcial. A expectativa era observar um favorecimento da marca plena por parte dos elementos não nominais, dado que elementos não nominais ocorrem majoritariamente em posições não nucleares, em sua maioria, antepostos ao núcleo e na primeira posição, fatores favorecedores da marca plena. O modelo apresentado na Tabela 5 valida a hipótese.

Tabela 5 – Modelo de regressão de efeitos mistos da CN plena, perspectiva mórfica

N = 8719*Intercept* = 18,3039

Variável	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	<i>p</i>
Processos					
Plural irregular (valor de ref.)	525/551 (95%)				
Plural regular	7556/8168 (92%)	2,7314	0,5988	4,561	5,09e-06***
Tonicidade					
Oxítone (valor de ref.)	1573/1661 (95%)				
Paroxítone	6335/6863 (92%)	-3,7379	0,5363	-6,970	16e-12***
Proparoxítone	173/195 (89%)	-2,5012	0,8993	-2,781	0,00541**
Classe Gramatical					
Não nominal (valor de ref.)	3621/3659 (98%)				
Nominal	4460/5060 (88%)	-8,4139	0,3656	-23,015	<2e-16***
Gênero					
Feminino (valor de ref.)	4145/4372 (95%)				
Masculino	3936/4347 (90%)	-0,4578	0,3301	-1,387	0,16550
Escolaridade					
Básica (valor de ref.)	3523/3917 (90%)				
Superior	4558/4802 (95%)	2,1276	0,3814	5,578	2,43e-08***
Renda domiciliar do bairro					
Alta (valor de ref.)	4022/4243 (95%)				
Baixa	4059/4476 (91%)	-1,4663	0,3506	-4,183	2,88e-05***
Zona					
Centro (valor de ref.)	2407/2551 (94%)				
Leste	2024/2232 (91%)	-0,8049	0,4707	-1,710	0,08726
Norte	1569/1709 (92%)	-1,1181	0,4624	-2,418	0,01560*
Sul	2081/2227 (93%)	-0,4927	0,4601	-1,071	0,28428

Modelo 3 (*glmer*). PROCESSOS + TONICIDADE + CLASSE GRAMATICAL + GÊNERO + ESCOLARIDADE
+ RENDA + ZONA + (1 | SINTAGMA) + (1 | INFORMANTE).

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Por fim, esse quarto modelo volta a apresentar a variável Gênero como não correlacionada à CN plena, enquanto Zona apresenta alguns fatores correlacionando (Leste e Norte). O modelo apresenta também um novo resultado contrário aos anteriores: os plurais regulares, dessa vez, favorecem a CN plena. Além disso, observa-se a variável Classe Gramatical, apresentando correlação forte com a CN plena e tendo os elementos nominais como desfavorecedores da marca plena de plural. Quanto a esse modelo, é necessário investigar o efeito que Classe Gramatical tem em Processos, para apresentar um resultado contrário ao que vinha sido discutido.

A análise de Classe Gramatical separada das demais variáveis se justifica, porque, segundo Scherre (1988) e Oushiro (2015), Classe Gramatical é uma variável que se relaciona com elas. A relação entre Classe Gramatical e Posição Relativa se encontra no fato de que elementos nominais ocupam majoritariamente as posições nucleares e pós-nucleares (posições desfavorecedoras da CN plena), enquanto os elementos não nominais correspondem, em sua maioria, a artigos, os quais ocorrem, em maior número, em posições pré-nucleares. Do mesmo modo, manifestam-se, nas primeiras posições, sobretudo, as classes não nominais, como artigos e pronomes indefinidos.

Além disso, apesar de ter realizado neste trabalho uma análise com as variáveis separadas, algumas investigações sugerem outro tipo de tratamento das variáveis. Oushiro (2015) sugere uma análise com o cruzamento das variáveis. Scherre (1988, 1994), aponta que a melhor forma de observar os efeitos das variáveis está em uma análise em que elas sejam cruzadas:

Cheguei, portanto, à conclusão de que não é apenas a posição linear ou a classe gramatical isoladamente que dá conta da variação na concordância de número, mas sim a interação entre elas, bem como a relação que se estabelece entre os determinantes e o núcleo do SN (SCHERRE, 1994, p. 4).

A decisão de analisar as três variáveis separadamente se deu por dois motivos: o primeiro refere-se à observação do efeito das variáveis separadas nos resultados da investigação; o segundo concerne a uma questão de espaço e tempo de estudo, uma vez que esta investigação, como mencionado anteriormente, remete a uma investigação construída no programa de Iniciação Científica. Porém, certos questionamentos surgem e devem ser abordados em etapas futuras do trabalho: qual seria a melhor forma de analisar essas variáveis no uso variável da concordância nominal? Separar as três variáveis, como fiz neste trabalho?

Cruzar, de um lado, Posição Linear e Classe Gramatical e, de outro, Posição Relativa e Classe Gramatical? Cruzar as três variáveis e transformá-las em uma única variável?

Quanto aos efeitos das variáveis sociais, cabe reiterar, inicialmente, que, de um lado, há as variáveis Gênero e Escolaridade, as quais são amplamente investigadas em estudos sociolinguísticos acerca da CN, e, de outro, há as variáveis Zona e Renda, que se organizam de acordo com a estratificação do acervo de entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA.

A variável Gênero foi analisada de forma binária, controlando-se os fatores masculino e feminino. Como ela é uma variável muito presente e significativa nas investigações da CN ao redor do Brasil, minha hipótese era a de que a variável se mostrava relevante e de que o fator masculino fosse favorecedor da marca parcial. Porém, os resultados se mostraram um tanto diferentes. Apesar de os modelos indicarem o fator masculino como desfavorecedor da marca plena, tal fator não se mostrou um condicionador da variável em Porto Alegre, ao nível mórfico. Ao observar as tabelas expostas acima, é possível reparar que apenas a Tabela 4, com a presença da variável Posição Relativa, mostra tal fator com resultado significativo.

Um detalhe interessante que observei ao longo do percurso de análise foi o efeito singular da variável Tonicidade sobre a variável Gênero. Verifiquei que, nos modelos em que constavam as variáveis Processos e Tonicidade juntas (com exceção do modelo na Tabela 4), a variável Gênero não apresenta resultados significativos. No entanto, nos modelos que incluem apenas Processos, a variável Gênero passa a ter relevância. Tal achado levanta indagações acerca do efeito de Gênero no processo variável na CN em Porto Alegre, além de futuras questões a serem investigadas, como, por exemplo, o efeito de Tonicidade na variável Gênero.

Há ainda a variável Escolaridade, a qual é crucial em estudos acerca da CN, visto que se observa, em diversos estudos, o efeito do contato (ou da falta de contato) com a educação formal na CN variável. Em relação a essa discussão, Bortoni-Ricardo (2015, p. 14, grifo meu) afirma que “*A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva*”.

A afirmação de Stella Bortoni-Ricardo já nos dá indícios do efeito da escolarização formal e do ensino da Língua Portuguesa e de suas variedades nos processos linguísticos variáveis mais salientes e socialmente estratificados. Além disso, sociolinguistas variacionistas também levantam questões acerca do efeito da escolaridade no processo de variação e mudança linguística. Uma das variáveis em que mais se observa essa discussão é a concordância nominal de número, na medida em que a variável se mostra estável. Porém, isso ocorre até certo ponto:

com o aumento do acesso à escolarização, as proporções de marcação de plural parcial apresentam quedas, o que leva a uma discussão sobre o processo de mudança linguística.

Já é tempo de concluir. A variação na concordância nominal de número reflete bem o que denominamos metaforicamente de uma mudança sem mudança, no sentido de que é uma variação que não reflete mudança clara para todos os falantes nem reflete apenas uma linha de mudança, embora *estejamos capturando aumento de concordância em função de maior exposição ao ambiente escolar*, seja em termos de grupo ou de indivíduo, com um vislumbre de mudança geracional (SCHERRE; NARO, 2006, p. 120, grifos meus).

[...] a variação apresentada pela geração de jovens, na atualidade, pode estar associada ao seu maior acesso à educação formal. *A instituição escolar pode provocar mudanças na fala individual, ocasionando variação estilística*, e na atividade discursiva da comunidade; *ao mesmo tempo que atua como difusora de formas consideradas de prestígio* (VOTRE, 2007, p. 51), fomentando, na maioria das vezes, o estigma social sobre as formas da linguagem [não padrão] e o preconceito linguístico (DÁLIA; LUCCHESI, 2020, p. 232, grifos meus).

Diante disso, esperava observar um favorecimento da marca plena por parte do fator de escolaridade superior e um desfavorecimento por parte do fator de escolaridade básica, porque, como discutido acima, há uma íntima relação entre a variável e o contato com a cultura letrada, praticada no meio escolar. Assim, entende-se que as proporções de uso da marca plena de plural aumentam conforme aumenta o nível de escolaridade. Os resultados apresentados nas tabelas acima vão ao encontro de tal discussão. Mesmo assim, a minha expectativa era a de que não encontraria grandes diferenciações quanto às proporções de uso da CN parcial, na medida em que a maioria dos informantes de escolaridade básica apresentam Ensino Médio completo, o que indica que tiveram anos de acesso à educação formal.

A variável Renda, por sua vez, apresenta uma estratificação distinta em cada investigação. Porém, mesmo com suas diferenças, os resultados vão sempre na mesma direção: falantes de renda baixa tendem a desfavorecer a CN plena, enquanto falantes de renda alta a favorecem. No caso desta investigação, Renda foi elaborada a partir da renda domiciliar mensal das famílias do bairro de residência do informante, ou seja, não é o informante que tem renda baixa ou alta, mas, sim, as famílias residentes no bairro. Partindo, portanto, das discussões anteriores acerca do efeito de Renda, minha hipótese era a de que os resultados apresentassem concordância quanto a essa discussão, o que foi atestado nos modelos analisados (ver tabelas acima).

Por fim, verifiquei o efeito da variável Zona. Para essa variável, esperava que a Zona Central fosse favorecedora da marca plena e que as Zonas não centrais (Leste, Norte e Sul) fossem desfavorecedoras. De fato, tal hipótese é comprovada pelos modelos expostos; porém,

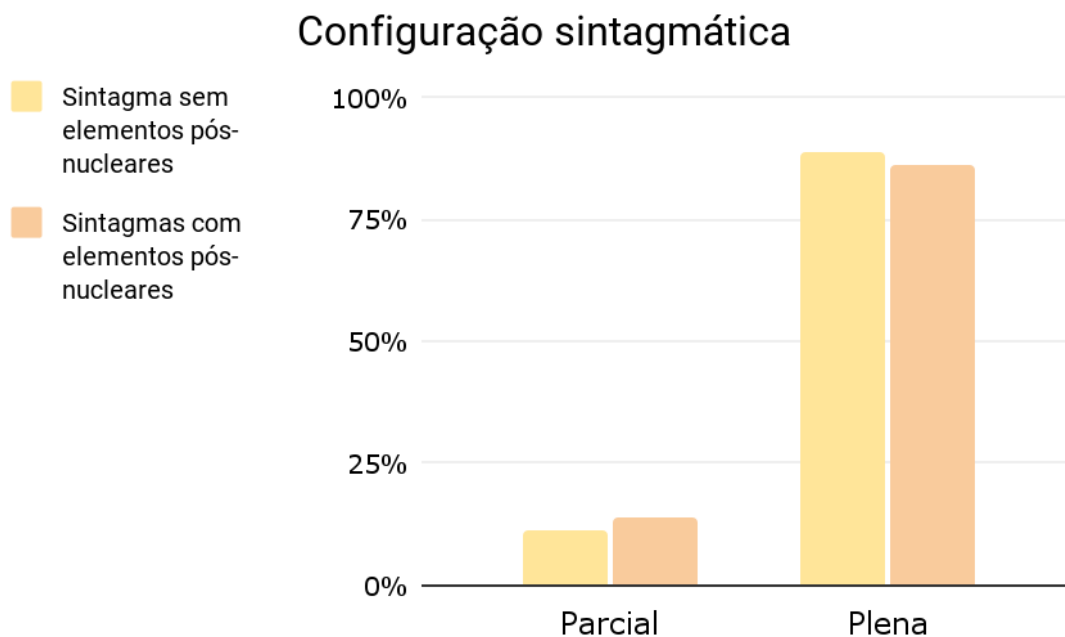
a significância da variável Zona é instável, na medida em que ora ela é estatisticamente significativa, ora não. Esse resultado pode ser questionado, devido à sobreposição das variáveis Zona e Renda, efeito que também observei em outros modelos realizados na análise. Cabe, em etapas subsequentes, verificar o porquê dessa instabilidade.

4.2 ANÁLISE SINTAGMÁTICA

A partir da observação de 4.441 sintagmas nominais, retirados das 32 entrevistas sociolinguísticas, constatei uma proporção de uso de 87% de marcação plena e 13% de marcação parcial. A diferença nas proporções de uso do plural nas perspectivas mórfica e sintagmática já havia sido apontada por Lucchesi e Dália (2022), ao argumentarem que é com a perspectiva sintagmática que é possível observar a verdadeira situação da variação na CN nas comunidades. Além disso, controlei três variáveis linguísticas (ver Quadro 2) e as quatro sociais (ver Quadro 3).

Das três variáveis linguísticas – Configuração Sintagmática, Animacidade do Núcleo e Saliência Fônica do SN –, apenas a última apresentou valor-p significativo nos testes de *qui-quadrado* (de Pearson). Os fatores contemplados pelas variáveis Configuração Sintagmática e Animacidade não apresentaram diferença estatisticamente significativa nas proporções de aplicação e não aplicação da CN plena. Nas investigações de Marta Scherre (1988) e Oushiro (2015), a variável, apesar de tratada diferentemente, apresentou resultados significativos. Como segui a proposta de análise de Oushiro (2015), esperava que os resultados para Configuração Sintagmática se mostrassem relevantes, apresentando favorecimentos da CN plena por parte dos sintagmas sem elementos pós-nucleares. No entanto, os resultados apontaram que a marcação plena é a mais utilizada em ambas as configurações, com e sem pós-núcleos. O Gráfico 1, abaixo, apresenta as proporções de realização da CN plena pela variável Configuração Sintagmática.

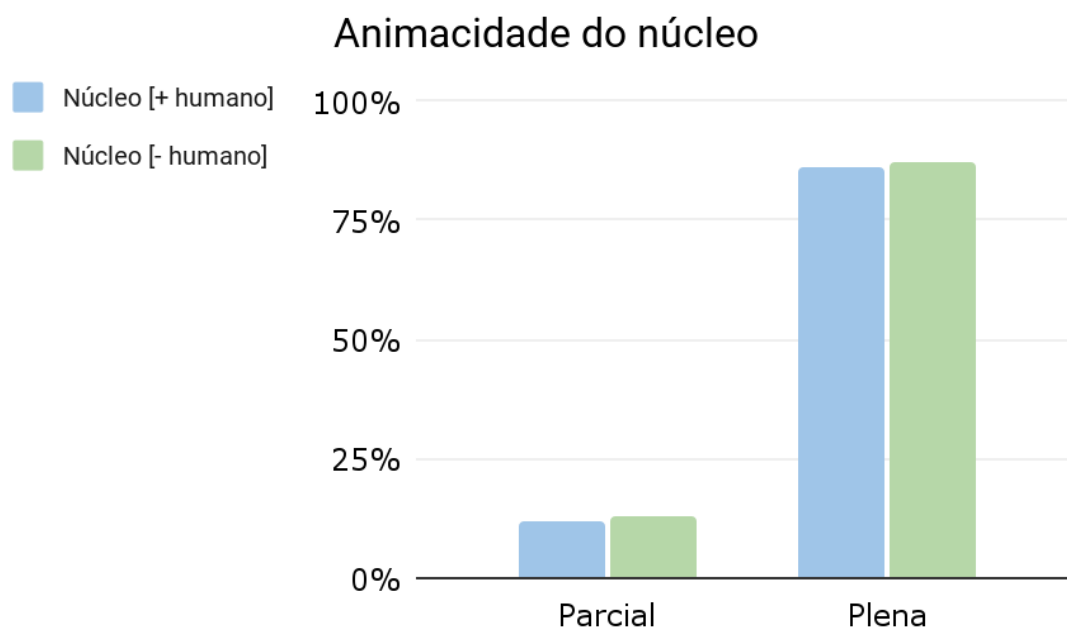
Gráfico 1 – Proporções de uso da variável Configuração Sintagmática



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Assim como Configuração, a variável Animacidade do Núcleo também não apresentou valor-p significativo no teste de *qui-quadrado*. Apesar de tal variável apresentar resultados diferentes em diversos estudos, esperava observar algum efeito significativo. Porém, os resultados estão de acordo com aqueles de Marta Scherre (1988): os fatores contemplados na variável Animacidade não apresentam diferença estatisticamente significativa nas proporções de aplicação e não aplicação da CN plena. Assim como Configuração, Animacidade apresentou uma maior proporção de uso pleno em ambos os fatores considerados. Curiosamente, as proporções de uso são praticamente iguais: o traço [+ humano] aparece em 86% dos casos, e o traço [- humano], em 87%. No Gráfico 2, constam tais proporções.

Gráfico 2 – Proporções de uso da variável Animacidade



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Com exceção das variáveis Configuração e Animacidade, o restante das variáveis controladas na perspectiva sintagmática apresentou valor-p significativo. A terceira variável linguística controlada foi Saliência Fônica do Sintagma Nominal, e, seguindo Scherre (1988) e Lucchesi e Dália (2022), a expectativa era a de que os sintagmas com elementos salientes favorecessem a marca plena de plural, em contraste com os sintagmas sem elementos salientes, que seriam desfavorecedores da marca plena. Na Tabela 6, os resultados apresentados confirmam tal hipótese, mesmo se observarmos que, no *intercept*, constam os sintagmas não salientes e que ele demonstra um favorecimento da marca plena, o que levanta questionamentos quanto à influência da Saliência Fônica na variação.

Tabela 6 – Modelo de regressão de efeitos mistos da CN plena, perspectiva sintagmática

*N = 4441**Intercept = 5,9890*

Variável	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	<i>p</i>
Saliência Fônica do SN					
Não saliente (valor de ref.)	3343/3896 (86%)				
Saliente	508/545 (93%)	1,3154	0,3509	3,749	0,000178***
Gênero					
Feminino (valor de ref.)	2033/2245 (90%)				
Masculino	1818/2196 (82%)	-0,9038	0,5568	-3,984	6,77e-05***
Escolaridade					
Básica (valor de ref.)	1651/2014 (82%)				
Superior	2200/2427 (91%)	0,9376	0,2278	4,115	3,87e05***
Renda domiciliar do bairro					
Alta (valor de ref.)	1932/2132 (91%)				
Baixa	1919/2309 (83%)	-0,7220	0,3070	-4,025	5,69e-05***
Zona					
Centro (valor de ref.)	1149/1285 (89%)				
Leste	962/1150 (84%)	-0,7220	0,3187	-2,352	0,018698*
Norte	766/899 (85%)	-0,7495	0,3145	-2,352	0,018690*
Sul	974/1107 (88%)	-0,5141	0,3509	-1,634	0,102193

Modelo 1 (*glmer*). SALIÊNCIA FÔNICA DO SN + GÊNERO + ESCOLARIDADE + RENDA
+ ZONA + (1 | SINTAGMA) + (1 | INFORMANTE).

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Os resultados expostos na Tabela 6 mostram que todas as variáveis se correlacionam com a CN plena. Observa-se que os sintagmas que apresentam elementos salientes favorecem a marca plena de plural, assim como a escolaridade superior. Nota-se ainda que os fatores masculino, renda baixa e as Zonas Leste e Norte apresentam um desfavorecimento da marca plena.

Para as variáveis sociais, observa-se que há poucas divergências quanto à sua importância, em relação à análise mórfica. Na Tabela 6, destaco a significância da variável Gênero, que, na perspectiva mórfica, não apresentou correlação (com exceção da Tabela 4). Apesar desse contraste, entendo que Gênero condiciona, sim, o processo variável da CN, na medida em que, segundo Lucchesi e Dália (2022), é na perspectiva sintagmática que podemos observar o verdadeiro funcionamento da variável na fala das comunidades.

Quanto a Escolaridade e Renda, verifiquei que, assim como na análise mórfica, o fator de escolaridade superior favorece a marca plena, e o fator de renda baixa domiciliar do bairro a desfavorece. Tais resultados já haviam sido previstos, devido à consistência dos resultados dessas variáveis em outras investigações. Por fim, a variável Zona, ao longo das análises realizadas, mostrou resultados diferentes para cada modelo; entretanto, de forma geral, observa-se certa polarização entre o favorecimento da CN plena na Zona Central e o seu desfavorecimento nas Zonas não centrais. O único modelo em que Zona se mostrou, como um todo, significativo, foi aquele que não inclui Renda, o que sustenta a hipótese de sobreposição das variáveis.

4.3 SÍNTESE

Ao longo deste capítulo, foi possível constatar que, tanto na análise mórfica quanto na sintagmática, a variação da CN em Porto Alegre é condicionada por variáveis linguísticas e sociais. Verifiquei que os plurais regulares, independentemente de sua Tonicidade, são favorecedores da marca parcial de plural. Além disso, parti da discussão sobre a relação polarizada nos elementos em primeira posição do sintagma, os quais, em sua maioria, são antepostos ao núcleo e são elementos de classes gramaticais não nominais, e observei aquilo que já esperava: elementos em primeira posição, antepostos ao núcleo e não nominais são favorecedores da marca plena de plural. Observei ainda que Configuração e Animacidade não são condicionadores da variável na comunidade de Porto Alegre. Já os resultados para Saliência Fônica do Sintagma Nominal, com favorecimento da marca de plural por parte dos sintagmas salientes, foram de acordo com o previsto.

Em relação ao efeito do componente social na variação, identifiquei que, em ambas as perspectivas de análise, as variáveis Escolaridade e Renda se mostraram como fortes condicionantes da variável. Já Gênero apresenta divergências entre as análises: para a mórfica, observei que a variável não foi tão relevante na variação; já na análise sintagmática, a variável se apresentou como uma forte condicionante. Por fim, Zona mostrou resultados instáveis em ambas as análises, o que deixou questões sobre a sua relevância para a variação da CN na capital gaúcha.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO: ANÁLISE QUALITATIVA

No capítulo anterior, constatei que a variação na CN em Porto Alegre é condicionada por fatores linguísticos e sociais. A partir disso, identifiquei uma categoria social desfavorecedora da CN plena: homem com escolaridade básica e renda baixa, morador de alguma Zona não Central. Porém, como lembra Mangabeira (2016), as variáveis linguísticas *per se* não refletem categorias sociais, mas são utilizadas por grupos sociais como um recurso simbólico na construção e na reprodução dessas categorias. Em outras palavras, não é a CN parcial que retrata os porto-alegrenses homens de Zonas não centrais com escolaridade básica e renda baixa, mas o uso dela contribui para a construção dessa categoria. Além disso, Eckert (2008) argumenta que as formas linguísticas se encontram em um campo dinâmico e ideológico em contínuo processo de transformação, que estabelece os muitos significados sociais da variável: o *campo indexical*. Conforme o campo indexical de dada variável vai se constituindo, ela começa a se ligar, ideologicamente, a significados sociais relacionados a certas categorias do plano macrosocial.

Apoiada nessa discussão, parto da noção de variação como prática social (ECKERT, 2000, 2005, 2008) e realizo uma análise qualitativa, procurando indícios de significados sociais relacionados à CN parcial, na medida em que ela apresenta um significado macrosocial e histórico relacionado ao estigma social, deslegitimando falantes que produzem a variante não padrão. A análise visa a compreender como as práticas sociais e os *estilos de vida* dos informantes se interligam com os significados sociais indexados à variável. Para tanto, tomo como ferramenta metodológica a Análise de Conteúdo (FRANCO, 2005; BARDIN, 2011), procurando contemplar os relatos que indicam as práticas sociais e os estilos de vida dos entrevistados. A hipótese principal parte do ponto de vista de que os estilos de vida resultam da posição do sujeito no espaço social e no espaço geográfico (BOURDIEU, 2007) e investiga uma possível associação entre as variantes CN plena e CN parcial e a relação centro-periferia da cidade. Na sequência, apresento os informantes separadamente e, depois, a discussão resultante dessa análise.

5.1 OS INFORMANTES

Esta etapa conta com oito dos 32 informantes utilizados no estudo quantitativo. Esses, por sua vez, são do gênero masculino e apresentam uma combinação de ou escolaridade superior e renda alta, ou escolaridade básica e renda baixa. A escolha se deu devido aos

resultados encontrados na análise estatística, que apontaram para os falantes com escolaridade superior e renda alta como favorecedores da CN plena e os falantes com escolaridade básica e renda baixa como desfavorecedores dela. Para além do perfil macrossocial dos informantes, também os organizei no espaço geográfico da cidade: escolhi dois informantes, um de cada grupo acima mencionado, para cada Zona. No Quadro 4, no terceiro capítulo, estão dispostas as informações dos oito informantes.

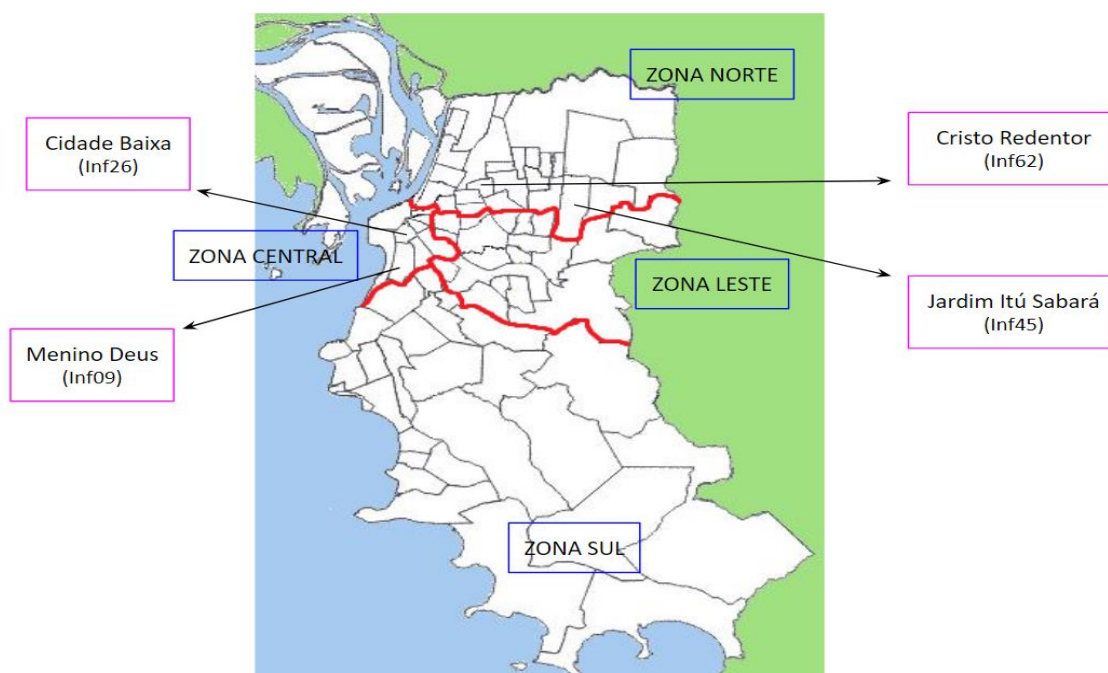
No entanto, ao observar as proporções de uso dos informantes, optei por focalizar a discussão nos dois informantes das pontas (Inf09 e Inf62) e nos dois do meio (Inf45 e Inf26). Na Tabela 7, abaixo, estão organizados apenas os quatro informantes que receberão atenção neste capítulo. No Mapa 2, por sua vez, está exposto o bairro de residência deles.

Tabela 7 – Distribuição social dos informantes

Informante	Escolaridade	Renda	Zona/Bairro	Proporção de CN
Inf09	Superior	Alta	Zona Central (Menino Deus)	99%
Inf45	Superior	Alta	Zona Norte (Jardim Itu Sabará)	87%
Inf26	Básica	Baixa	Zona Central (Cidade Baixa)	86%
Inf62	Básica	Baixa	Zona Norte (Cristo Redentor)	66%

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Mapa 2 – Distribuição geográfica dos informantes



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Antes de tudo, quero destacar uma concordância entre os detalhes da Tabela 7 e do Mapa 2 e os resultados quantitativos discutidos anteriormente. Como mencionei, a distribuição dos oito informantes a partir de Gênero, Escolaridade e Renda se deu a partir dos resultados estatísticos. Porém, a escolha dos informantes por Zona teve como motivação uma organização representativa dos informantes no espaço geográfico. E é esse ponto que quero destacar. Coincidentemente (ou não), observa-se, nas duplas de informantes (Inf09 e Inf62, de um lado, e Inf45 e Inf26, de outro), a presença das Zonas Norte e Central, apenas. Ao voltarmos ao capítulo anterior, será possível observar que, com exceção da Tabela 4, o restante dos modelos apresenta resultados significativos para o fator Zona Norte, identificando-a como desfavorecedora da CN parcial. Esse achado já me dá indícios de que haja uma relação entre a CN variável e o espaço geográfico que o falante ocupa na cidade. Agora, apresentarei separadamente cada dupla analisada.

5.1.1 Os informantes 09 e 62

Ao observar a Tabela 7, é possível reparar que o Inf09 é o que menos varia na CN, apresentando uma marcação categórica de CN plena, enquanto o Inf62 é o que mais varia na concordância ao longo de sua entrevista. Essa diferenciação é coerente com os perfis sociais favorecedor e desfavorecedor da marca plena de plural. Porém, além dessas questões, há as suas práticas sociais, as quais, como será observado, também influenciam nesses resultados, dando-nos indícios de possíveis significados sociais vinculados à relação de centro-periferia da cidade, assim como há o grau de mobilidade de cada informante, que, conseqüentemente, reflete nas suas práticas sociais e nos seus estilos de vida.

5.1.1.1 Inf09: “Bares menores procurando fazer... uma coisa mais pessoal”

O Inf09 mora na Zona Central de Porto Alegre, no bairro Menino Deus, e apresenta um uso categórico de CN plena ao longo da entrevista. Ele é formado em Direito e é concursado público, trabalhando como assessor no Ministério Público Estadual. Apenas com essa breve introdução, já é possível deduzir que esse informante se localiza em um espaço privilegiado da ordem social e, conseqüentemente, conta com o acesso a certos espaços e práticas sociais voltados a um público detentor de um capital econômico, cultural e social.

De modo geral, o informante conta que nasceu e sempre morou na área Central da cidade, focalizando sua vida nela, especialmente, nos bairros Cidade Baixa e Bom Fim.

Conseqüentemente, o entrevistado apresenta baixa mobilidade pelo espaço da cidade. Além do baixo grau de mobilidade, o Inf09 apresenta uma série de práticas sociais que podem ser identificadas como *gostos de luxo* (BOURDIEU, 2007); ou seja, o seu estilo de vida condiz com aquele de uma classe dominante, podendo-se classificar e perceber suas práticas como privilegiadas. Abaixo, como ilustração desses pontos, constam os relatos do informante:

- (3) Eu sou formado em direito e trabalho no Ministério Público Estadual... e também sou músico eu tenho- tenho duas bandas que tocam aqui em Porto Alegre bastante aqui em Porto Alegre até uma delas já não toca mais... que é uma banda de cover de Pearl Jam que toca direto aqui em Porto Alegre e outra banda autoral que toca bem menos assim então *é essa é a minha profissão que me- me dá prazer assim satisfação realização* digamos (LÍNGUAPOA, 2015-2019, Inf09, grifos meus).
- (4) A gente até anda bastante assim eh a gente gosta de ver filme seriado como todo mundo a gente tenta sair com os amigos sempre que a gente pode normalmente a gente vai- a gente vai aqui na Cidade Baixa tem umas cafeterias que a gente curte atualmente a que a gente tem conseguido ir é a a [nome do local] na República com a Travessa ã final de domingo assim a gente gosta de ir lá com alguns amigos que também tocam e a gente acaba falando muito desse meio de que envolve mú- ã música ã produção de coisas é a gente tem uns amigos artistas ai que que a gente se dá super bem (LÍNGUAPOA, 2015-2019, Inf09).

Compreende-se que o informante ocupa um espaço privilegiado, tanto social quanto geograficamente. Entende-se que ele detém um capital econômico, cultural e social que o permite adentrar em espaços privilegiados socialmente, nos quais o uso da linguagem padrão se faz indispensável.

5.1.1.2 Inf62: “É mais cansativo pra eu sair”

O Inf62, por sua vez, tem escolaridade básica e renda baixa, e reside na Zona Norte da cidade, no bairro Cristo Redentor. Ao longo da entrevista, o entrevistado se caracteriza como “uma pessoa caseira”, o que indica também uma baixa mobilidade e uma concentração de sua vida nos arredores de seu bairro. Além disso, o informante menciona a respeito de como trabalha perto de casa e de que não gosta de sair nem de viajar, e que suas horas vagas são voltadas à realização de manutenções em casa. Os trechos abaixo demonstram tais pontos:

- (5) Eu trabalho e antes eu tava até ia fazer ã eu já fiz dois Parobé mas não continuei eu fiz um foi eletrotécnica daí eu não continuei... muita acumulação de serviço parei aí comecei a mecânica também parei fiquei cá meio enrolado por coisa que tava muita mudança né então eu parei um pouco de estudos e e só tô trabalhando mesmo eu trabalho em manutenção eh eletricista de manutenção claro eu ia dizer assim manutenção mas *a gente faz um monte de coisa* (LÍNGUAPOA, 2015-2019, Inf62, grifos meus).
- (6) Sabe que assim ó eu- eu- eu pra mim é mais cansativo eu sair eu- eu gosto mais- *eu sou mais caseiro* eu fico- fico em casa fazendo alguma coisa em casa eu- ou até mesmo eh quando os guri aqui tão né vejo um filme mas geralmente eu no- na- na metade do filme eu- eu pego no sono é difícil eu ficar sentado (LÍNGUAPOA, 2015-2019, In62, grifos meus).

Com os fragmentos, pode-se traçar uma série de diferenciações entre os informantes 09 e 62. Mas acredito que a mais marcante diz respeito ao trecho (3). Não transcrevi toda a parte em que o informante conta sobre todos os trabalhos que realiza e que realizou, mas apenas aquela com o trecho “*a gente faz um monte de coisa*” já ilustra a falta de tempo livre do informante ao longo de sua semana e de seu fim de semana, devido à sua (possível) sobrecarga de trabalho. Conseqüentemente, os afazeres caseiros e o descanso acabam sendo as prioridades, pois há pouco tempo livre para organizar e arrumar sua casa e há também o cansaço, resultante das horas trabalhadas ao longo da semana. Além disso, como consta na ficha social do informante, sua renda é baixa, o que indica que seu capital econômico o limita de acessar certos espaços socialmente privilegiados, acessados pelo Inf09.

5.1.2 Os informantes 45 e 26

Se a primeira dupla apresenta uma concordância quanto aos resultados quantitativos, a segunda – os informantes 45 e 26 – segue um caminho um tanto diferente. A combinação dos fatores de Escolaridade, Renda e Zona ainda é mantida. No entanto, há uma modificação, que se mostrou amplamente significativa e relevante para os resultados: dessa vez, o falante com escolaridade básica e renda baixa é morador da Zona Central, enquanto o falante com escolaridade superior e renda alta é morador da Zona Norte. A pergunta que fica é: como essa inversão foi capaz de igualar suas proporções de uso de CN plena?

5.1.2.1 Inf45: “*Eu sou muito caseiro*”

O informante 45 é o mais afastado do centro da cidade (ver Mapa 2). Ele reside no bairro Jardim Itu Sabará, na Zona Norte, e tem ensino superior e renda alta, além de trabalhar em um centro de pesquisa em uma universidade privada em Porto Alegre, localizada na Zona Leste. Mesmo apresentando um perfil social parecido com o do Inf09, ele se encontra, geograficamente e socialmente, mais próximo do Inf62. Em outras palavras, apesar da escolaridade superior e da renda alta, o entrevistado reside longe do centro, e menciona, no momento da entrevista, que, dias antes, havia ido na Redenção (parque tradicional no centro da cidade), mas que fazia cerca de 14 anos que não frequentava o local, além de afirmar não gostar da Zona Central, frequentando apenas as Zonas Norte (residência) e Leste (trabalho).

O informante menciona ainda que, apesar de gostar muito de viajar, o seu tempo livre é muito voltado para comer em casa e em restaurantes, e, de certa forma, sua rotina foi caracterizada como programada. Seu núcleo social é formado apenas por sua esposa e por seu filho. Ele comenta, também, que se interessa por assuntos como economia e política, mas que não se insere em nenhuma discussão sobre esses tópicos com ninguém. Abaixo, estão ilustrados alguns relatos do entrevistado:

- (7) ã apesar de morar e apreciar o bairro *eu sou muito caseiro* eu não uso muito o bairro *eu não circulo muito aqui* e eu tenho a vida assim ã de forma até pra muitos seria até chata de tão regrada que é (LÍNGUAPOA, 2015-2015, Inf45, grifos meus).
- (8) Eh nós dois minha famí- eu sou de descendência italiana minha esposa também pra nós a- a maior diversão que tem é comer fazer janta fazer almoço sair pra almoçar sair pra jantar é e nas férias a gente viaja costumamos viajar bastante ã sempre que possível às vezes vamo pra praia ã isso é uma coisa que eu tento me eh uma coisa que eu cobro de mim mesmo né que a vida não é feita de trabalhar a gente trabalha pra poder viver né então eu tento meio que puxar esse- esse trem aí dessa forma mas de forma geral é ã como é que é os amigos todos vão tomando seus destinos seus rumos né então nós tamos meio assim que meio que só nós mesmos por nós mesmo né é fali- família eu minha esposa e meu filho (LÍNGUAPOA, 2015-2019, Inf45).

Com os trechos acima, podemos entender que o Inf45, de um lado, gosta de frequentar espaços sociais com maior frequência com sua família, assim como tem o costume de viajar; e, de outro, considera-se uma pessoa caseira, mais voltada para o seu tempo em casa. Além do mais, é possível reparar que o Inf45, apesar de ir a restaurantes, não vai aos locais na Zona Central, mantendo-se mais na Zona Norte. Se, de um lado, o Inf09 conta com um capital

econômico, cultural e social amplo, o Inf45 conta mais com o econômico e, em certa medida, com o cultural, apresentando uma diferença em relação ao seu capital social.

5.1.2.2 Inf26: “Eu gosto muito de barzinho”

Por fim, há o Inf26, que tem escolaridade básica, renda baixa e uma proporção de CN plena semelhante à do Inf45, que é de escolaridade superior e renda alta. Uma explicação mais imediata para tal situação seria a Zona de residência de cada informante: o Inf26 é morador da Zona Central de Porto Alegre, e o Inf45 é o mais afastado geograficamente do Centro da cidade. Assim, já se começa a observar os possíveis efeitos que a relação Centro-Periferia tem com a CN plena e a CN parcial. Mas, além disso, as práticas sociais também fazem seu papel e influenciam no uso da variante padrão. Os trechos abaixo indicam as práticas do informante em questão:

(9) Vou no- no- gosto muito de barzinho eu gosto muito de- de bar tomar um choppzinho e escutar uma música assim principalmente MPB e Rock N’ Roll entendeu mas os meus amigos eles gostam de samba rock e samba samba e samba aí eu vou por eles entendeu mas não curto muito samba vou porque eles gostam entendeu vou muito aqui no Matita Perê vou no Dona Neusa mas eu gosto muito daquele lá o Duplex la na- na bah o Duplex é na frente da- do Parcão entendeu bah é muito legal bag só que é rock entendeu não é- é rock e é o que eu gosto né mas vou muito pouco porque eu vou com eles e eles não gostam eles gostam de samba- de samba Dona Neusa (LÍNGUAPOA, 2015-2015, Inf26)

(10) Eu tenho muita coisa em Porto Alegre que eu não conheço mesmo morando há trinta e poucos anos entendeu o que eu conheço mais assim é a zona sul muito pouco zona norte e a área central é isso eh é isso (LÍNGUAPOA, 2015-2019, Inf26).

Ao pôr o Inf09 e o Inf26 um ao lado do outro, podemos compreender que ambos têm um nível semelhante de frequência de espaços sociais na Zona Central. O que contrasta ambos os entrevistados são os locais que eles frequentam: Inf09 vai a cafeterias e a espaços mais voltados para artistas, enquanto o Inf26 vai a espaços considerados mais “populares” no Centro da cidade. Podemos estabelecer que, até certo ponto, o efeito da Escolaridade e da Renda também influencia nos espaços que as pessoas ocupam no seu meio social e geográfico.

5.2 AS PRÁTICAS SOCIAIS E OS ESTILOS DE VIDA

Pierre Bourdieu localiza o *habitus*, conjunto de disposições sociais que se desenvolve ao longo da vida social de um indivíduo, no centro do mecanismo de reprodução social. O *habitus* é um “gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificações de tais práticas” (BOURDIEU, 2007, p. 162). É na relação entre essas duas capacidades — a prática e a percepção da prática — que se constituem os diferentes *estilos de vida*, definidos pelo sociólogo como “os produtos sistemáticos” do *habitus*, que, ao serem percebidos, são qualificados socialmente.

No cerne dos *estilos de vida*, encontram-se os produtos da diferenciação e da apreciação das práticas, *i.e.*, o gosto. Caracterizado como operador prático motivador da transformação das coisas em sinais distintivos e distintos, o gosto é responsável por transformar práticas classificadas em práticas classificadoras, isto é, em manifestações simbólicas que, a partir da percepção de suas relações, apresentam-se como função do esquema social classificatório. Assim, concebem-se *estilos de vida* como “um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem e/ou *hexis* corporal – a mesma intenção expressiva” (BOURDIEU, 2007, p. 165).

Além disso, Bourdieu (1996) discorre sobre as trocas linguísticas e o seu papel no mercado linguístico. Localizadas em uma relação de força simbólica, as trocas linguísticas são entendidas como uma troca econômica, uma vez que a relação de comunicação é constituída de um emissor e um receptor, em que o primeiro é provido de capital linguístico, enquanto o outro confere o valor material/simbólico do discurso. Assim, para Bourdieu, os discursos são mais do que apenas deciframentos de mensagens; são também *signos de riqueza* e de *autoridade*, que implicam obediência e confiabilidade. Ainda a respeito dessa discussão, Eckert (2000) argumenta que o mercado linguístico é parte do mercado simbólico, no qual estão inclusos os muitos padrões de consumo, de comportamento, assim como a legitimação da linguagem padrão. Desse modo, é no mercado simbólico que se encontra o alinhamento entre as características linguísticas e as dos demais recursos simbólicos.

É no mercado linguístico que ocorrem negociações de lucro simbólico e é nele que as formas linguísticas recebem seus valores, a partir da relação de forças estabelecida entre o capital linguístico dos diferentes locutores. Os agentes sociais posicionados no topo da hierarquia social possuem um *habitus* linguístico resultante da antecipação dos lucros do mercado, uma vez que já conhecem a dinâmica, as leis e os valores das formas linguísticas no

mercado simbólico das trocas linguísticas, uma vez que a língua padrão apenas ganha poder pois está associada a instituições sociais de poder e de autoridade, como, por exemplo, a escola.

Na teoria social de Bourdieu, um agente social é percebido e classificado socialmente a partir da sua posição relativa no espaço social, tendo como parâmetro o tipo e a quantidade de capital que possui²⁴. Em outras palavras, os indivíduos são classificados a partir da percepção de valor de suas práticas. Dessa forma, os *estilos de vida*, juntamente com a *classe*, são os orientadores do consumo, dos gostos. Sendo assim, observam-se, na classe dominante, *estilos de vida* classificados e percebidos como privilegiados, marcando os *gostos de luxo*; enquanto, na classe dominada, os *estilos de vida* orientam-se pelos *gostos da necessidade*.

Com base nessa discussão, questioneei quais os estilos de vida dos quatro informantes e como eles se relacionam com a CN plena. A questão da Escolaridade e da Renda, além de se justificar estatisticamente, também é facilmente evidenciada quando olhamos para os efeitos que esses elementos causam na ordem social. É sabido que a educação básica no Brasil, apesar de um direito, ainda não está ao alcance de todos; porém, percebe-se que o acesso aumentou ao longo das gerações. Sendo a escola a difusora da linguagem padrão (BOURDIEU, 1996; BORTONI-RICARDO, 2005), estudos sociolinguísticos vêm atestando que variantes desprestigiadas estão perdendo força e, conseqüentemente, estão sendo menos produzidas²⁵. Além disso, a escola é entendida, por Dália e Lucchesi (2020), como a difusora da linguagem padrão, promovendo a variação estilística²⁶, a qual pode ser compreendida na lente daquilo que Bourdieu chama de *habitus* linguístico.

Porém, além das questões acerca da Escolaridade e da Renda dos falantes, é necessário olhar para outros pontos: os efeitos do espaço geográfico e das práticas sociais de cada entrevistado. Bourdieu (2007) afirma que os estilos de vida das pessoas estão diretamente

²⁴ Esses capitais podem ser: 1) Econômico, constituído por fatores de produção e por bens econômicos; 2) Cultural, referente a qualificações intelectuais, desde a posse de obras de arte até títulos acadêmicos; 3) Social, que concerne às relações sociais do indivíduo; e 4) Simbólico, expresso por meio de rituais de reconhecimento, que proporcionam certos privilégios para seus agentes e dão reconhecimento ao seu capital.

²⁵ Labov (2008 [1972], p. 212) discute que, quando uma variável apresenta uma variante sob extrema estigmatização, essa variante pode acabar desaparecendo. Apesar de o autor não mencionar a forma como isso pode ocorrer, entende-se que isso deva acontecer de forma natural, ao longo do tempo. Uma questão que sempre orientou a minha pesquisa foi o porquê de a CN parcial, apesar de estigmatizada, não ter perdido a força ao longo de tantos séculos. A discussão acerca do efeito do meio escolar na variável indica que, mesmo sendo uma variável estável, a CN parcial pode começar a apresentar menores proporções de uso ao longo dos anos, conforme o acesso à escolarização formal vai aumentando, o que corrobora as discussões acerca do fato de o ensino (brasileiro) ser voltado para as classes altas.

²⁶ O argumento dos autores vai de encontro à discussão de outros autores mencionados no texto. Ao proporem que o ensino nas escolas brasileiras desenvolve a variação estilística, entende-se que, na verdade, a CN parcial, apesar de estar apresentando, em entrevistas sociolinguísticas, uma menor proporção de uso, pode ter uma proporção muito maior de uso na fala vernacular dos falantes. Em uma situação dessas, devem ser levantadas questões sobre os efeitos que as entrevistas sociolinguísticas podem causar na fala dos entrevistados e que, talvez, certas variáveis necessitem de um olhar mais etnográfico para que se entenda o real uso delas.

associados à posição social e à distribuição geográfica que elas ocupam, pois o espaço geográfico também é socialmente hierarquizado. Assim, a hipótese desta análise, como mencionado anteriormente, parte da ideia de que, para além da exposição à educação formal como fator para a inibição da CN parcial, a Renda, o espaço geográfico ocupado pelos sujeitos (moradia) e os espaços sociais e institucionais frequentados por eles também interferem na variável, na medida em que esses fatores definem seus *estilos de vida*. Em outras palavras, entendo que Escolaridade, Renda e Espaço Geográfico, juntos, apresentam certos efeitos nos diferentes usos da linguagem. O acesso à educação formal, especialmente em níveis superiores, abre portas no mercado de trabalho, viabilizando salários mais altos e, conseqüentemente, *estilos de vida* mais privilegiados, possibilitando o aumento de diferentes capitais. Isso possibilita desenvolver um *habitus* linguístico, uma vez que, ao conhecer a dinâmica desses locais, o sujeito consegue antecipar os lucros simbólicos por trás das formas linguísticas e usá-las de maneira apropriada. Isso ocorre, porque, assim como a linguagem padrão, a CN plena indexa certa autoridade e confere certo prestígio aos falantes que a utilizam em locais onde é esperado tal uso.

A partir disso, é possível compreender as proporções de uso de CN plena dos informantes dispostos na Tabela 7. Primeiramente, nota-se que os informantes 09 e 62 apresentam fortes diferenças quanto à sua ficha social e à proporção de CN plena, o que vai ao encontro da hipótese deste trabalho. O Inf09 é uma pessoa que apresenta um amplo capital econômico, cultural e social, que possibilita a sua entrada em espaços sociais e institucionais privilegiados, nos quais a linguagem padrão é exigida. A partir dos relatos do entrevistado, podemos compreender que ele apresenta um estilo de vida mais voltado para o da classe dominante, apresentando gostos de luxo. Por outro lado, há o Inf62, que, de acordo com seu relato na entrevista, tem muito tempo de trabalho e pouco de lazer. Além disso, ele apresenta uma forte tendência a ficar em casa, em volta dos afazeres caseiros necessários. Com as informações dadas por ele, é possível compreender que o informante apresenta um capital econômico, cultural e social mais restrito, o que conseqüentemente o limita social e geograficamente.

Já os informantes 45 e 26 resistem, até certo ponto, à minha hipótese. Primeiramente, os dois informantes mantêm as diferenças quanto à Escolaridade e à Renda dos informantes anteriores. De um lado, há o Inf45, que trabalha em um centro de pesquisa em uma universidade particular da cidade, tem renda alta e escolaridade superior e é morador do bairro Jardim Itú Sabará; de outro lado, há o Inf26, empresário e sócio de uma rede de lancherias em Porto

Alegre, morador da Cidade Baixa, com renda baixa e escolaridade básica. No entanto, o questionamento que surge é: por que suas proporções de CN parcial são praticamente iguais?

A resposta mais imediata é olhar o Mapa 2, localizar os bairros Jardim Itú Sabará e Cidade Baixa e reparar que o segundo bairro se localiza no centro da cidade, ao lado do bairro Menino Deus, enquanto o primeiro se localiza a um bairro de distância do Cristo Redentor. Logo, nota-se que há uma inversão nos informantes 09 e 62. Enquanto o Inf09 tem escolaridade superior e renda alta, o Inf26, morando na mesma Zona, tem escolaridade básica e renda baixa. O mesmo ocorre com os informantes 62 e 45. Por fim, nota-se a diferença nas proporções de uso entre os informantes 09 e 62 e os informantes 26 e 45. Assim, pode-se inferir que, para além da Escolaridade e da Renda, o local de residência parece ser um fator que condiciona fortemente o uso pleno do plural, uma vez que o Centro da cidade apresenta espaços que exigem o uso padrão da linguagem.

Para além desses fatores macrossociais, os relatos das práticas sociais nas entrevistas sociolinguísticas desses informantes também proporcionaram que fossem levantados indícios sobre os efeitos dessas práticas na CN plena. O informante 26, por exemplo, apresenta práticas sociais mais voltadas ao convívio em espaços sociais como *shoppings*, cinemas, bares e restaurantes. Ele afirma gostar de viajar, especialmente para visitar seu filho, e aponta que já viajou para outros locais, como a Europa. Já o Inf45 afirma gostar de viajar, fazendo disso um objetivo em sua forma de viver, mas salienta que, assim como o Inf62, não frequenta espaços sociais na cidade, principalmente os da área Central, restringindo sua vida à Zona Norte.

Finalmente, com a exposição dos quatro informantes, é possível notar que a Escolaridade e a Renda são variáveis correlacionadas no uso variável da CN e que elas não operam sozinhas na variação. Elas funcionam em conjunto com o local de moradia dos sujeitos e com o seu grau de mobilidade, estabelecendo a relação Centro-Periferia dos informantes com a cidade. Interpreto que a escolaridade superior e a renda alta, por si, já são fortes condicionadores da CN plena, pois elas constituem fatores que contribuem para a inserção dos indivíduos em espaços socialmente privilegiados e institucionalizados. Mas, para além dessa questão, entendo que o local de moradia também influencia nesse quesito, uma vez que ele facilita o convívio nesses espaços. Assim, o Inf09 é um ótimo exemplo de uma categoria social privilegiada social e geograficamente e de como o uso da CN plena é empregado como um recurso simbólico que retrata seu perfil social.

Tendo em mente que a CN é uma variável saliente e que há comentários explícitos em relação ao uso de sua variante desprestigiada (CN parcial), é importante salientar que esta análise qualitativa é preliminar e não deve se esgotar neste trabalho. Pelo contrário, em etapas

futuras é necessário elaborar uma discussão abrangendo o grupo feminino, assim como pessoas com ensino fundamental. Acredito ainda que, após esta pesquisa de produção linguística, o próximo passo seria desenhar uma pesquisa de campo, de metodologia etnográfica, para entender os (muitos) significados sociais da CN parcial e da CN plena.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia apresentou um estudo de produção linguística acerca do processo morfossintático variável da concordância nominal de número. O estudo contou com as análises quantitativas e qualitativas, que colaboraram para o mapeamento e a compreensão da CN variável no português falado em Porto Alegre. Os resultados, por sua vez, deram indícios a respeito da potencialidade do estudo dessa variável na capital gaúcha, além de abrirem novos caminhos para o aprofundamento e a ampliação do estudo em etapas futuras.

A análise estatística a partir das entrevistas do LínguaPOA indicou que a CN variável é condicionada por fatores linguísticos e sociais em ambas as perspectivas de análise: sintagmática e mórfica. Constatei que, de modo geral, a CN apresenta uma sistematicidade quanto ao seu encaixamento linguístico e social e que, enquanto a perspectiva mórfica já apresenta estudos mais avançados e elaborados, a perspectiva sintagmática ainda carece de uma atenção que promova o seu desenvolvimento. Esse fato é observado nas variáveis linguísticas controladas neste estudo: de um lado, as seis variáveis controladas na perspectiva mórfica condicionam a variável; de outro lado, entretanto, das três variáveis na perspectiva sintagmática, apenas uma a condiciona. Além do âmbito linguístico-estrutural, concluí que a variável apresenta um encaixamento social coerente com outros estudos sociolinguísticos. Porém, cabe lembrar que os modelos de análise neste estudo levaram em conta o efeito das variáveis aleatórias Sintagma e Informante, e, com isso, a variável Gênero, na perspectiva mórfica, mostrou-se irrelevante, o que foi de encontro aos achados de estudos anteriores.

Por fim, a comparação dos resultados aqui discutidos com os de estudos anteriores sugere que a CN variável é uma variável estável. Portanto, o que precisa ainda ser feito, como mencionei acima, é desenvolver a perspectiva sintagmática, para compreender melhor o funcionamento da CN variável. No entanto, isso não significa que a perspectiva mórfica deva ficar em descanso. Ao contrário, há ainda uma série de questões que devem ser levadas adiante acerca das variáveis linguísticas, bem como de seus tratamentos e de sua análise.

Além disso, constatei que as categorias macrossociais não regem sozinhas a CN variável. Há outros fatores geográficos e sociais que auxiliam na produção da CN plena e na da CN parcial em proporções diferentes. Foi verificado que, além de Escolaridade e da Renda, a posição geográfica, o grau de mobilidade e as práticas sociais dos informantes colaboram para uma maior ou menor produção da variante não padrão, a CN parcial.

Em suma, acredito que esta investigação acerca da CN variável, além de ter participado do mapeamento da variável em território brasileiro, pode contribuir para outros estudos

sociolinguísticos sobre a fala dos porto-alegrenses. Creio que um estudo variacionista deva partir de uma análise de produção linguística para, inicialmente, compreender o encaixamento linguístico e social da variável estudada. Porém, considero que os próximos passos desta pesquisa devam se valer de um estudo etnográfico, com o intuito de observar os muitos significados sociais indexados à CN variável, uma vez que a variável, além de muito saliente, apresenta comentários explícitos em relação à produção de sua variante desprestigiada.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: O livro, 1920.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATTISTI, E. O português falado no Rio Grande do Sul: história e variação linguística. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2014. p. 9-17.
- BATTISTI, E.; OUSHIRO, L. A motivação social da haploglia variável no português de Porto Alegre. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 62, p. 270-302, jan./jul. 2022.
- BATTISTI, E. *et al.* Alternância de estilo em entrevistas sociolinguísticas: uma aplicação dos critérios da Árvore de Decisão laboviana. *Revista do GEL*, v. 18, n. 3, p. 311-334, 2021.
- BISOL, L. Apresentação. *Letras de Hoje*, v. 35, n. 1, p. 5-6, 2000.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EdUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EdUSP, 1996.
- BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- BRAGA, M. L.; SCHERRE, M. A concordância nominal no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGUÍSTICA, 1., 1976. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: PUC, 1976. p. 464-477.
- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CARVALHO NINA, A. A. *Concordância nominal/verbal do alfabeto na micro-região de Bragantina*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1980.
- CAVALCANTI, J. As faces de uma polêmica: o episódio do livro didático Por uma vida melhor. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 29, ed. esp., p. 487-501, 2013.
- CHAVES, R. Q. Princípios de Saliência Fônica: isso não soa bem. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 522-550, jul./dez. 2014.
- DÁLIA, J.; LUCCHESI, D. A variação na concordância de número do sintagma nominal no português rural da serra fluminense: deriva ou contato? *Gragoatá*, Niterói, v. 26, n. 54, p. 217-251, 2021.

ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. In: ANNUAL MEETING OF THE LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, 2005. *Proceedings* [...]. Oakland: Linguistic Society of America, 2005.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

EMPRESA PÚBLICA DE TRANSPORTE E CIRCULAÇÃO (EPTC). *Novo sistema de transporte entra em operação na segunda-feira*. 2016. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/eptc/default.php?p_noticia=184625. Acesso em: 9 set. 2022.

FERNANDES, M. *Concordância nominal na região sul*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FRANCO, N. L. *Análise de conteúdo*. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005.

GÖRSKI, E.; COELHO, I.; SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.

GUY, G. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax, and language history*. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. *ELAN - Linguistic Annotator*. Versão 6.2. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan/download>. Acesso em: 1 set. 2022.

KIPARSKY, P. Explanation in Phonology. In: PETERS, S. (ed.). *Goals of linguistic theory*. New Jersey: Prentice Hall, 1972. p. 189-225.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge; Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Malden; Oxford: Blackwell, 2001a.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b. p. 85-108.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Malden; Oxford; West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

LÍNGUAPOA. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015-2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>. Acesso em: 3 set. 2022.

LUCCHESI, D. Ciência ou dogma? O caso do livro do MEC e o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, n. 83, p. 163-187, 2011.

LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D.; DÁLIA, J. Novos condicionamentos estruturais da variação na concordância nominal de número. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, p. 7369-7386, v. 19, n. 1, jan./mar. 2022.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

MANGABEIRA, A. *Variação na concordância nominal, prática social e identidade entre jovens e adultos do Centro do Trabalhador (Porto Alegre - RS)*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MELO, G. C. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

NARO, A.; SCHERRE, M. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização, 1953.

OUSHIRO, L. Transcrições de entrevistas sociolinguísticas com o ELAN. In: FREITAG, R. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Edgard Blücher, 2014. p. 117-132.

OUSHIRO, L. *Identidade na Pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PONTE, V. *A concordância nominal no linguajar de uma comunidade em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.

R CORE TEAM. *R: a language and environment for statistical computing*. Viena: R Foundation for Statistical Computing, 2019. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em: 2 set. 2022.

ROSA, R. *A comunidade de fala de Porto Alegre no Estudo da variação linguística: identificando subcomunidades*. Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SCARDUA, J. *Análise da concordância nominal na fala de Vitória/ES: o linguístico, o social e o estilístico*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

SCHERRE, M. M. P. A regra de concordância de número no sintagma nominal em português. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a atuação do princípio da Saliência Fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 301-332.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa: Norma e Variação do Português*, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, n. 12, p. 37-49. dez. 1994.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis no português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998a. p. 239-264.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis no português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998b. p. 87-117.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. Sobre a concordância nominal de número no português falado no Brasil. In: RUFFINO, G. (org.). *Dialetologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza). Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 509-523.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. Mudança sem mudança: a concordância nominal de número no português brasileiro. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 2006.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.